



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

BRAGA

Perceção dos jovens adultos sobre a violência no namoro:
estudo das diferenças.

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia da
Educação.**

Ana Fátima Fidalgo Lage

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

DEZEMBRO 2019



CATÓLICA

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

BRAGA

Perceção dos jovens adultos sobre a violência no namoro:
estudo das diferenças.

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia da
Educação**.

Ana Fátima Fidalgo Lage

Sob a Orientação da Prof.^a Doutora **Ângela Maria
Pereira e Sá Azevedo**

Resumo

A pertinência desta investigação surge pelo facto de que a violência no namoro tem vindo a ganhar grande visibilidade a nível não só social como também científico sendo um problema social que afeta diariamente muitos jovens adultos. Assim, a presente investigação pretende caracterizar a perceção da violência no namoro nos jovens adultos e perceber de que forma esta varia em função do género, orientação sexual, idade, habilitações académicas, nível socioeconómico, situação profissional, tipo de relação e duração da relação. Como amostra participaram 73 sujeitos que se encontravam numa relação ou que tiveram uma relação no passado, mas que atualmente estão solteiros. Os instrumentos foram aplicados apenas a um membro do casal. Como instrumentos foram utilizados o questionário sociodemográfico e o Conflict Tactics Scale (CTS2; Murray Straus, 1996) adaptado para a população portuguesa por Carla Paiva e Bárbara Figueiredo no ano de 2008. Os resultados foram analisados em termos das escalas de perpetração e vitimização. Relativamente às conclusões auferidas constatou-se que referente à perceção da violência em função do género, os resultados evidenciaram que o sexo masculino reporta perpetrar e ser vítima de mais coerção sexual. Em relação à perceção da violência em função da orientação sexual, os participantes heterossexuais reportaram perpetrar mais agressão psicológica. No que diz respeito à perceção da violência e as habilitações académicas conclui-se que um nível superior de escolaridade está associado a uma menor frequência da perpetração de abuso físico com sequelas. No que concerne à perceção da violência em função da duração da relação, apurou-se que uma duração maior da relação está associada a uma menor frequência de perpetração e vitimização de coerção sexual.

Palavras-Chave: Violência no namoro, orientação sexual, género, idade, habilitações académicas, situação profissional, tipo de relação, duração do namoro

Abstract

The relevance of this research arises from the fact that dating violence has been gaining high visibility both socially and scientifically and is a social problem that affects many young adults on a daily basis. Thus, this research aims to characterize the perception of dating violence in young adults and to understand how it varies according to gender, sexual orientation, age, academic qualifications, socioeconomic status, professional status, type of relationship and duration of the relationship. The sample included 73 subjects who were in a relationship or had a relationship in the past but are currently single. The instruments were applied to one member of the couple. The instruments used were the socio-demographic questionnaire and the Conflict Tactics Scale (CTS) (Murray Straus, 1996) adapted to the Portuguese population by Carla Paiva and Bárbara Figueiredo in 2008. Results were analyzed in terms of perpetration and victimization scales. Regarding the conclusions obtained in the present study, it was found that regarding the perception of gender-based violence, the results showed that males report perpetrating and being the victim of more sexual coercion. In relation to the perception of violence due to sexual orientation, heterosexual participants reported perpetrating more psychological aggression. Regarding the perception of violence and the academic qualifications, it is concluded that a higher level of education is associated with a lower frequency of physical abuse with sequelae. Regarding the perception of violence and the duration of the relationship, it was found that a longer relationship duration of the relationship is associated with a lower frequency of perpetration and victimization of sexual coercion.

Key-Words: Dating violence, sexual orientation, gender, age, academic qualifications, professional situation, type of relationship, duration of the relationship

Índice

Resumo

Introdução.....	6
1. Enquadramento Teórico.....	7
1.1. Conceito de namoro e de violência no namoro.....	7
1.1.1. Violência no namoro em casais heterossexuais.....	8
1.1.2. Violência no namoro em casais homossexuais.....	13
1.1.3. Fatores de risco na violência no namoro em casais heterossexuais e casais homossexuais.....	17
1.2. Estudos sobre a violência no namoro em casais heterossexuais e casais homossexuais e as variáveis sócio-demográficas.....	19
2. Estudo Empírico.....	28
2.1. Objetivos do estudo.....	28
2.2. Variáveis do estudo.....	28
2.3. Hipóteses do estudo.....	28
2.4. População e Amostra	29
2.5. Instrumentos de avaliação.....	31
2.6. Procedimento de recolha de dados.....	33
2.7. Resultados.....	33
2.8. Discussão dos Resultados.....	41
Conclusão.....	46
Referências Bibliográficas.....	49

Índice de Anexos

Anexo I – Questionário Sócio-demográfico

Anexo II - "Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)", de Straus, Hamby, Boney-McCoy e Sugarman (1996). Versão Portuguesa da autoria de Carla Paiva e Bárbara Figueiredo (2002).

Introdução

A violência nas relações de namoro é um fenómeno evidente e preocupante, tendo em conta a abrangência e as repercussões que esta pode ter tanto a nível físico, psicológico e social. Embora as investigações se tenham focado preferencialmente na violência entre as díades heterossexuais, torna-se notório o aumento gradual de investigações sugerindo que a violência doméstica ocorre, igualmente, em casais do mesmo sexo (Carvalho, 2011) podendo existir diferenças na dinâmica das relações homossexuais e heterossexuais no que concerne à violência. Considerando que a formação de relações saudáveis é essencial para a vida dos indivíduos, a investigação nesta área é fundamental, não só para o aumento do conhecimento acerca do fenómeno, como também para a identificação de estratégias de intervenção que visem promover uma melhor qualidade de vida.

Segundo a OMS (2012), a violência pelo parceiro íntimo ocorre principalmente a partir da adolescência e dos primeiros anos da vida adulta, e inclui violência física, sexual e psicológica. A violência pelo parceiro íntimo ou violência no namoro pode ser perpetrada por mulheres ou por homens, sendo na sua grande maioria contra mulheres. A violência nos relacionamentos íntimos durante a relação não é um problema recente, têm sido desenvolvidos estudos principalmente de caracterização e prevalência do fenómeno (Caridade, 2011; Caridade & Machado, 2006; Machado, Matos & Moreira, 2003; Miller, 2011; Paiva & Figueiredo, 2004).

A pertinência deste tema tem que ver com o facto de as investigações se centrarem preferencialmente nas questões relacionadas com a violência no namoro sobretudo junto dos indivíduos heterossexuais, descentrando a atenção da população homossexual. Assim sendo, esta investigação pretende analisar a percepção nos jovens adultos sobre a violência no namoro e como esta varia em função de variáveis sócio-demográficas como o género, a orientação sexual, idade, habilitações académicas, nível socioeconómico, situação profissional, tipo e duração da relação.

Referente à estrutura do presente estudo, este inicia-se com as definições de conceitos nomeadamente de namoro e de violência no namoro. Seguidamente é apresentada a prevalência da violência no namoro quer em casais heterossexuais quer em casais homossexuais. Posteriormente é feita uma alusão aos factores de risco. Sucessivamente são mencionadas as diferenças na violência no namoro em função das variáveis sócio-demográficas. Seguindo-se a apresentação dos resultados e respetiva

discussão. Por fim a conclusão, englobando as limitações do estudo e sugestões para estudos futuros.

1. Enquadramento Teórico

1.1. Conceito de namoro e de violência no namoro

Na literatura existem diferentes definições do que é o namoro. No entanto, de um modo geral o namoro pode ser compreendido como uma relação diádica que envolve interacção social e realização de actividades em conjunto (Straus, 2004). Murray e Kardatzke (2007) definem o namoro como um relacionamento no qual duas pessoas partilham uma ligação emocional, romântica e/ou sexual que ultrapassa a amizade. O namoro facultava ainda aos sujeitos oportunidades de companheirismo, estatuto, experiências sexuais e de resolução de conflitos (White, 2009). É de salientar que esta definição se aplica quer a casais heterossexuais quer homossexuais.

A título de esclarecimento torna-se importante salientar que na presente investigação o namoro refere-se de um modo abrangente às diversas relações afetivas mantidas entre duas pessoas que se unem pelo desejo de estarem juntas intimamente e partilharem inúmeras experiências.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2002) a violência é definida como o uso voluntário da força física ou do poder, que pode ser ameaça ou efetiva, contra si mesmo, contra os outros ou contra um grupo ou comunidade e que cause ou tenha muitas possibilidades de provocar lesões, morte, danos psicológicos, transtornos de desenvolvimento ou privações assim como atentados contra o direito à saúde e à vida das populações (OMS, 2002). Por sua vez, a violência na intimidade ou violência no namoro é definida como um comportamento, dentro de uma relação de intimidade, que causa perigo físico, psicológico ou sexual. Inclui atos de agressão física, abuso psicológico, coerção sexual, comportamentos controladores e obsessivos, estando-se perante um ato de violência sempre que se usurpem os direitos dos indivíduos, salientando-se uma relação assimétrica e desproporcional de poder (Machado, 2010; WHO 2010). Assim, a violência no namoro encontra-se amplamente reconhecida como um continuum abuso, que vai desde o abuso verbal e emocional até à violação ou homicídio (Machado, 2010).

De acordo com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV, 2014) a violência no namoro pode ser definida como um ato de violência, pontual ou contínuo, cometido por um dos elementos do casal (ou ambos), com o objetivo de controlar,

dominar e ter mais poder do que a outra pessoa envolvida na relação. Existem diferentes formas de violência no namoro, podendo esta ocorrer de diversos modos numa mesma relação amorosa. Todas as formas de violência têm como objetivo comum o magoar, humilhar, controlar e assustar (APAV, 2014). De um modo geral a violência pode ser caracterizada por três tipos, nomeadamente física, psicológica e sexual, podendo estas surgir concomitantemente (Cristóvão, 2012).

Por violência física, entende-se o uso de força física ou restrição levada a cabo no sentido de causar dor ou injúria a outrem, através de diversos atos, como empurrar, agarrar, bater, esmurrar, sufocar, pontapear, puxar os cabelos ou morder (Cristóvão, 2011; Sugarman & Hotaling, 1989). Os atos de violência física podem ocorrer apenas uma vez numa relação de namoro. No entanto, esta violência é por norma recorrente e vai-se agravando com o decorrer do tempo de relacionamento, sendo cada acto de violência mais severo que o anterior (Smith & Donnelly, 2000).

A violência psicológica surge quando o agressor recorre a um padrão de comunicação verbal ou não-verbal, com intenção de causar sofrimento psicológico ao outro, desvalorizando-o frequentemente mediante ações que vão desde insultos, ameaças, ciúmes doentios, controlo, isolamento, perseguição ou humilhação (Cristóvão, 2011; Straus, & Sweet, 1992).

Por outro lado, a violência sexual é definida como um comportamento de cariz sexual cuja finalidade é compelir o companheiro a uma interação sexual não consentida pelo parceiro (Wekerle & Wolfe, 1999 cit. in Danis & Anderson, 2008). Estes atos correspondem por exemplo à violação no contexto de um encontro amoroso, ao uso de pressão para que a vítima tenha relações sexuais antes de estar pronta ou então para que a vítima tenha relações sexuais mais vezes do que esta deseja (Smith & Donnelly, 2000). Em suma, a violência sexual corresponde assim a toda a pressão física ou psicológica exercida sobre o outro a fim de impor condutas sexuais não desejadas com recurso à coerção incluindo também a violação e o assédio sexual (Machado, 2010; Straus, Hamby, Boney-McCoy, & Sugarman, 1996).

1.1.1. Violência no namoro em casais heterossexuais

A orientação sexual diz respeito ao envolvimento durável e emocional, amoroso e/ou atracção sexual por homens, mulheres ou por ambos os sexos (APA, 2008). A orientação sexual diz respeito à identidade pessoal e social do indivíduo com base nas suas atracções, manifestando determinados comportamentos e aderindo a uma

comunidade de pessoas que compartilham da mesma orientação sexual. Refere-se ao tipo de atração física, emocional ou romântica para com outros (Aleshire, 2016; APA, 2008).

Entende-se por heterossexual um indivíduo que realiza o padrão dito “normal” de sexualidade, desfrutando da harmonia entre os sexos biológico, psíquico e civil. Desta feita, é considerado heterossexualidade a atracção sexual e/ou envolvimento emocional ou amoroso entre pessoas de sexo diferente/oposto (APA, 2008).

No que concerne à prevalência da violência nos casais heterossexuais referente aos estudos internacionais, o primeiro estudo surgiu em 1981 realizado por Makepeace, no qual se verificou que um em cada cinco estudantes universitários eram afetados por este tipo de abuso (Makepeace, 1981). Estas taxas de prevalência foram corroboradas em 1991, num estudo realizado por White e Koss com estudantes do ensino superior, envolvendo 2602 mulheres e 2105 homens. Estes autores verificaram que 81% dos homens perpetraram e sofreu violência verbal, ao passo que no caso das mulheres a prevalência se encontrava entre os 88%. No que se refere à agressão física, as percentagens foram inferiores, sendo que 37% dos homens e 35% das mulheres afirmaram ter infligido alguma forma de violência física, enquanto 39% dos homens e 32% das mulheres afirmaram ter sofrido alguma forma de agressão física. Por sua vez, Straus (2004) realizou um estudo com estudantes universitários e observou que 29% dos estudantes tinham sido agredidos fisicamente por um parceiro nos últimos 12 meses, sendo que 7% tinham ferido fisicamente um parceiro.

No que diz respeito à prevalência da violência no namoro de acordo com o género, os estudos reportam que homens e mulheres são vítimas de violência no namoro sendo no entanto a prevalência superior para a vitimização no caso das mulheres. Os autores Machado e Antunes (2012) no seu estudo com 600 alunos do ensino secundário e superior auferiram que os rapazes tendem a relatar mais frequentemente perpetração emocional e sexual comparativamente com as raparigas. Corroborando este estudo, encontra-se a investigação realizada por Barros (2014) envolvendo 262 participantes com idades compreendidas entre os 16 e 39 anos, no qual auferiu que os rapazes assumiram recorrer mais frequentemente à perpetração de coerção sexual comparativamente com as raparigas.

Dados do National Violence Against Woman Survey no qual participaram 8000 mulheres e 8000 homens e cujo objetivo era perceber as experiências da violência nas relações heterossexuais, apuraram que 7.7% das mulheres e 0.3% dos homens relataram

terem sido violados, 22.1% das mulheres e 7.4% dos homens relataram terem sido agredidos fisicamente (Tjaden & Thoennes, 2000) sendo que as mulheres são significativamente mais propensas a serem fisicamente agredidas ou violadas por um parceiro íntimo do que por um conhecido ou um estranho (Tjaden & Thoennes, 1998). Em seguimento do exposto e validando o referido encontram-se os dados do Common wealth Fund no qual sugerem que 31% das mulheres relataram ter sofrido abuso físico ou sexual por um marido ou namorado em algum momento das suas vidas (Collins et al., 1999).

Também o estudo de Kernsmith (2006) envolvendo 114 sujeitos, permitiu auferir que mais de 60% dos participantes reportaram terem sido vítimas de violência numa relação no passado. A vitimização de abuso físico foi reportada por 58% das mulheres e 25% dos homens, a vitimização de abuso emocional foi relatada por 56% das mulheres e 51% dos homens. Neste estudo (Kernsmith, 2006) conclui-se que as mulheres foram significativamente mais propensas a sofrer violência física e emocional.

Estes resultados são descritos, regularmente, em termos de vitimização referindo que as mulheres sofrem mais frequentemente ferimentos graves como resultado da violência na intimidade (Straus, 2010). Desta forma, pode afirmar-se que o género do perpetrador e o género da vítima são importantes quando se analisa a severidade das lesões experienciadas como consequência da violência na intimidade (Black et al., 2011; Tjaden & Thoennes, 2000).

Contudo, ainda que pareça ser o sexo masculino quem mais tende a perpetrar violência de forma mais severa e agressiva comparativamente ao sexo feminino, que apresenta atos abusivos de menor severidade, a violência não parece ser perpetrada exclusiva e unicamente pelos homens (Machado et al., 2010). De facto, no que concerne a estudos internacionais, um dos resultados obtidos pelo National Family Violence Survey envolvendo uma amostra de aproximadamente 6000 famílias, concluiu que as mulheres relataram abusar fisicamente os seus parceiros a uma taxa quase igual comparativamente à dos homens (Gelles & Straus, 1988; Straus 1993; Straus & Gelles 1986). Straus e Gelles (1990) apuraram que 12,4% das esposas realizaram um ato violento contra o marido e 11,6% dos maridos realizaram um ato violento contra a esposa durante esse mesmo ano. Estudos semelhantes efetuados por O'Leary, Barling, Arias, Rosenbaum, Malone e Tyree (1989) envolvendo 272 casais, auferiram que um maior número de mulheres (44%) reportaram agredir fisicamente os seus parceiros comparativamente com os homens (31%).

Também o estudo de Swart, Stevens e Ricardo (2001) envolvendo 928 sujeitos (494 mulheres e 424 homens) permitiu concluir que 35.3% dos homens e 43.5% das mulheres admitiram ter perpetrado violência física numa relação amorosa no ano anterior. Corroborando a prevalência encontra-se o estudo de Straus (2001) com uma amostra de 8666 na qual 25% dos homens e 28% das mulheres admitiram agredir os seus parceiros no ano anterior. Validando o mencionado está o estudo de Whitaker, Haileyesus, Swahn e Saltzman, (2007) que abrangeu 11.370 jovens com idades compreendidas entre os 18 e 28 anos, os resultados permitiram concluir que 24% das relações envolviam alguma forma de violência física e em 70% dos casos as mulheres foram as perpetradoras. Também o estudo de Thomson (1990) com uma amostra de 336 sujeitos (167 homens e 169 mulheres) conclui que 24.6% dos homens comparado com 28.4% das mulheres expressaram algum tipo de violência física para com os seus parceiros nos últimos 2 anos. Neste estudo concluiu-se que as mulheres eram duas vezes mais propensas a dar uma bofetada no seu parceiro contrariamente aos homens (Thomson, 1990).

Outros estudos (Anderson, 2002; Capaldi & Owen, 2001; Fiebert, 2009; Robertson & Murachver, 2007; Straus, 2008; William & Frieze, 2005) mostram também que as mulheres são tão ou mais agressivas fisicamente do que os homens, em relacionamentos. No entanto, segundo Busch e Rosenberg (2004) estes resultados que evidenciam taxas similares ou superiores de violência perpetrada por parte das mulheres face aos homens devem ser interpretados de forma cautelosa, isto porque, tendo em conta que as mulheres são mais propensas a serem vítimas, é possível que o uso da violência por parte destas, em alguns dos casos, seja em legítima defesa (Busch & Rosenberg, 2004).

Apesar de alguns resultados apontarem semelhanças entre os sexos em termos de prevalência e características da violência situacional do casal, as consequências físicas e psicológicas de vitimização da violência no namoro são frequentemente mais graves para as mulheres (Saunders, 2002) requerendo estas muitas vezes atenção médica e sendo frequentemente subnotificadas comparativamente com as lesões sofridas por homens (Buzawa & Buzawa, 2002; Cascardi et al., 1992; Ehrensaft et al., 2004). As mulheres evidenciam ser mais propensas a relatar insatisfação conjugal, depressão e medo comparativamente aos homens, quando ambos os parceiros usam agressão física (Hamberger & Guse, 2002; Holtzworth-Munroe et al., 1997; Langhinrichsen-Rohling et al., 1995).

Em Portugal, a partir da década de 90 do Séc. XX, começaram a surgir estudos que focavam a sua atenção na violência no namoro nomeadamente na caracterização da prevalência de vitimização e perpetração não se focando somente nas taxas de prevalência. Estas encontravam-se situadas nos 25% em jovens com idades compreendidas entre os 13 e os 29 anos (Machado, Caridade, & Martins, 2009). No estudo de Machado, Caridade e Martins, (2009) com uma amostra que envolvia jovens de diferentes níveis de ensino, auferiram que 30.6% dos participantes envolvidos numa relação amorosa admitiram ter perpetrado atos abusivos contra os seus parceiros durante o último ano a saber: 22.4% dos participantes admitiram perpetrar agressão emocional e 18.1% perpetraram alguma forma de agressão física.

Face ao exposto e ao referido anteriormente, a prevalência da problemática em Portugal apresenta dados semelhantes à literatura internacional e aponta para uma legitimação e tolerância face à violência (Duarte & Lima, 2006). Salienta-se o estudo envolvendo 318 participantes estudantes universitários (Paiva & Figueiredo, 2003) que incidia sobre a problemática do abuso no quadro do relacionamento íntimo em jovens adultos portugueses. Este estudo permitiu concluir que, quer em termos de perpetração quer em termos de vitimização, a agressão psicológica é o tipo de abuso mais prevalente (50.8 %- 53.8%) seguindo-se a coerção sexual (18.9%-25.6 %) e o abuso físico sem sequelas (16.7%-15.4%) enquanto o abuso físico com sequelas ocorreu com menos frequência (33.7%-8%) (Paiva & Figueiredo, 2003).

Também os estudos de Machado e Antunes (2012) o qual envolveu 600 alunos do ensino secundário e superior em relacionamentos ocasionais, permitiram concluir que 31.5% dos sujeitos relatou ter perpetrado simultaneamente comportamento físico e emocional violento, 12% adotou atos físicos e sexualmente abusivos contra um parceiro ocasional e 13.1% dos indivíduos relatou ter perpetrado violência emocional e sexual no contexto de uma relação afetiva ocasional. Conclui-se ainda que, em termos de vitimização, 27.6% dos participantes referiu ter sido vítima tanto de violência física, como emocional por um parceiro ocasional, 19.8% relatou ter sofrido tanto violência física como sexual e por fim, 19% referiram que sofreram violência emocional, como sexual.

Salienta-se outro estudo de Duarte e Lima (2006) realizado junto de 429 estudantes do ensino secundário e universitário, o qual procurou analisar a prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro bem como os papéis desempenhados pelos jovens nas situações de violência reportadas. Os autores

confirmaram que a violência é um problema predominante entre as relações de namoro, em que 10,7% dos participantes relataram já terem estado envolvidos em situações de violência física e 38,2% em violência psicológica, como vítimas ou agressores.

Também Beserra, Leitão, Fabião, Dixe, Veríssimo e Ferriani (2016) no seu estudo envolvendo 4158 adolescentes auferiram que os rapazes foram os que mais perpetraram violência psicológica comparativamente com as raparigas. De acordo com o relatório anual de monitorização da violência doméstica (2018) em 2018 foram registadas pelas Forças de Segurança 26432 participações de violência doméstica, 11913 pela GNR (45%) e 14519 (55%) pela PSP, o que correspondeu a um ligeiro decréscimo face a 2017 (-1.2%; -314 participações).

No que diz respeito às vítimas, estas foram geralmente do sexo feminino (83%), casadas ou em união de facto (37,4%), com uma idade média de 42 anos. No que se refere ao denunciado, este é maioritariamente do sexo masculino (85,2%), casado ou em união de facto (39,2%), idade média de 43 anos (Relatório Anual de Monitorização da Violência Doméstica, 2018).

Ainda dentro da temática da prevalência da violência junto de casais heterossexuais, um outro estudo que englobou 4667 participantes com idades compreendidas entre os 13 e os 29 anos permitiu apurar que 30,6% dos participantes envolvidos numa relação amorosa admitiu ter perpetrado atos abusivos contra os seus parceiros durante o ano anterior, e 25,4% relatou ter sido vítima de pelo menos um ato abusivo nesse ano (Machado et al., 2009).

1.1.2. Violência no namoro em casais homossexuais

A partir do século XIX, a medicina definiu a homossexualidade como uma doença fisiológica e, no início do século XX, a teoria psicológica de Freud foi a primeira a ganhar visibilidade, considerando este fenómeno como um desvio no desenvolvimento da sexualidade (Palma & Levandowski, 2008). No entanto, Freud não considerava que a homossexualidade pudesse ser erradicada ou mudada através de tratamento médico ou da psicanálise (Conrad & Angell, 2007).

Em 1948, a homossexualidade foi enquadrada como uma psicopatologia na 6ª revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID), na categoria Personalidade Patológica. Posteriormente, em 1968, o termo “homossexualidade” foi definido no DSM – II como uma patologia mental (Conrad & Angell, 2007). De acordo com Knauer (2011), nas raras ocasiões em que a atração sexual do mesmo sexo era reconhecida ou

estudada, era vista como patológica, e os indivíduos envolvidos em comportamento homossexual eram vistos como doentes, sinistros e/ou patéticos. As condutas homossexuais, bem como as atrações físicas entre os indivíduos do mesmo sexo, eram consideradas desviantes e definidas, pela psiquiatria até 1974 e pela psicologia até 1975, como transtornos mentais. (Bake, 2012; Spitzer, 1981).

Em 1973 a American Psychiatric Association retirou a homossexualidade da lista das patologias e em 1975 foi a vez da American Psychological Association (APA) retirar a homossexualidade do leque de doenças (Matias, 2007). Em 1981, a Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa adoptou a recomendação 924, condenando toda a discriminação legal e social contra a população homossexual (Nogueira, Oliveira, Vale de Almeida, Costa, Rodrigues & Pereira, 2010).

Contudo, em Portugal, que assistira ao fim da ditadura em 1974, só em 1982 houve a preocupação de retirar do Código Penal a punição da homossexualidade entre adultos, revogando assim disposições que permaneciam desde o Código de 1886 que, no artigo 71º, punia com medidas de segurança quem se entregasse habitualmente à “prática de vícios contra a natureza” (Nogueira et al., 2010). Em 1991, foi a vez da Organização Mundial da Saúde (OMS) retirar a homossexualidade da lista das patologias (Nogueira et al., 2010).

Atualmente, a homossexualidade, também designada por orientação homossexual, caracteriza-se como uma duradoura atração emocional, romântica, sexual ou afetiva para com indivíduos do mesmo género (APA, 2008).

No que concerne à prevalência da violência no namoro em casais homossexuais, as investigações acerca da violência na intimidade têm focado, essencialmente, a violência íntima entre o homem e a mulher heterossexual (Archer 2000; Hamby, 2009; Potoczniaket al., 2003) como já referido. Uma razão plausível para a pouca exploração da violência no namoro no contexto das relações homossexuais deve-se ao mito de que apenas os homens são os perpetradores e as mulheres as vítimas, assim como de os episódios de violência se evidenciarem exclusivamente nos casais heterossexuais (Blasko, Winek, & Bieschke, 2007; Madera & Toro-Alfonso, 2005). Contudo, tem vindo a verificar-se um crescente reconhecimento de que a violência entre a comunidade LGBT é um problema igualmente sério (Balsam et al., 2005; Duke & Davidson, 2009; Eaton et al., 2008; Hassounch & Glass, 2008; Landolt & Dutton, 1997; Lie et al., 1991; McClennen, 2005; McLaughlin & Rozee, 2001; Messinger, 2011; Renzetti, 1992; Stanley et al., 2006). Os primeiros estudos empíricos neste contexto

evidenciaram-se a partir dos finais dos anos 80 e início dos anos 90 (Landolt & Dutton, 1997). Neste sentido, de acordo Kelly e Warshafsky (1987) a prevalência da violência doméstica em jovens adultos homossexuais assumia uma taxa de perpetração de 47% entre as amostras dos participantes gays e lésbicas. No que concerne ao tipo de violência, Bimbi e colaboradores (2008) referem que 38% da amostra de gays, lésbicas e bissexuais que participaram no seu estudo reportaram violência nas suas relações de intimidade, sendo que 22% se referia a violência física e 34% se referia a outro tipo de violência.

Em termos de outros estudos comparando mulheres e homens homossexuais, a literatura oferece resultados inconsistentes. De acordo com alguns estudos, a violência no namoro é mais prevalente entre lésbicas do que entre gays (Turell 2000; Waldner-Haugrud et al., 1997). Outros estudos, no entanto, sugerem o contrário (Bryant & Demian 1994; Burke et al., 2002) e ainda existem os estudos que relatam taxas comparáveis de violência entre lésbicas e gays (Carvalho et al., 2011).

No que se refere a dados de prevalência da violência comparando as relações do mesmo sexo, vários estudos confirmam a elevada prevalência da violência nas relações homossexuais femininas, estimando-se valores de 50% (Lie & Gentlewarrier, 1991). Também Turell (2000) realizou um estudo no qual comparou mulheres e homens homossexuais e observou que de entre as mulheres homossexuais 84% reportaram abuso emocional, 55% reportaram abuso físico e 14% reportaram abuso sexual. Por outro lado, dos homens homossexuais, 83% reportaram abuso emocional, 44% reportaram serem alvo de violência física e 13% abuso sexual. De acordo com estes dados, o abuso emocional foi o mais prevalente sendo que as lésbicas relataram maior frequências de abuso físico, ameaças e comportamentos de vergonha (McClennen et al., 2002; Turell, 2000). Estes resultados vão de encontro com dados relativos à investigação de Edwards (2015) na qual as mulheres que mantêm um relacionamento com parceiras do mesmo sexo reportaram resultados mais elevados no que concerne à violência física e/ou psicológica (26.6%) do que os rapazes homossexuais (18.3%).

Corroborando o descrito, encontram-se pesquisas que evidenciaram que 40% de homens homossexuais mencionaram sofrer de violência física nas suas relações de intimidade, enquanto 60% das mulheres homossexuais mencionaram sofrer de algum tipo de violência nas mãos das suas parceiras (Lockhart, White, Causby & Isaac, 1994; Turell, 2000; Waldner-Haugrud, Gratch, & Magruder, 1997). As diádes lésbicas, em

geral, parecem recorrer à violência física com mais frequência do que as vítimas de outros grupos de díades (Merrill & Wolfe, 2000).

Por sua vez, outros estudos referem que são os homens homossexuais aqueles que sofrem e perpetram mais violência comparativamente com as mulheres homossexuais (e.g., Hequembourg et al., 2008). Assim sendo, alguns estudos comparando gays e lésbicas permitiram apurar que os resultados da violência física nos homens homossexuais variam entre 12% e 87% (Island & Letellier, 1991; Turrell, 2000; Waldner-Haugrud, Gratch & Magruder, 1997; Waterman, Dawson & Bologna, 1989), ao passo que a violência física nos relacionamentos de mulheres homossexuais varia entre 17% e 65% (Bernhard, 2000). No estudo realizado por Craft, Serovich, McKenry e Lim (2008) envolvendo 87 participantes (46 gays e 41 lésbicas) foi possível auferir que no que concerne à perpetração de agressão física, 65.2 % dos homens homossexuais e 56.1% das mulheres homossexuais reportaram tê-la cometido pelo menos uma vez no ano anterior, no que diz respeito à coerção sexual, 54.3% dos homens homossexuais e 29.3% das mulheres homossexuais reportaram terem perpetrado este tipo de abuso contra os seus parceiros pelo menos uma vez no ano anterior.

No que se refere ao tipo de violência, McKenry e colaboradores (2006) verificaram que o abuso psicológico era o tipo de violência mais comumente relatada na sua amostra de perpetradores (97,6% na amostra de lésbicas e 93,5% na amostra de gays), existindo uma oscilação na prevalência deste tipo de violência, desde os 21% (Houston & McKirnan, 2007) até aos 90% (Lockhart et al., 1994). Relativamente à violência física, a prevalência parece variar entre os 6.2% (Houston & McKirnan, 2007) e os 55% (Turrell, 2000).

No estudo de Craft e Serovich, (2005) com uma amostra de homens homossexuais, os autores auferiram que 72.5% dos participantes tinham sido vítimas de agressão psicológica, 45.1% de agressão física, 33.3% de coerção sexual. Alguns estudos (Feldman, Ream, Diaz & El-Bassel, 2008; Freedner, Freed & Austin, 2002) com casais gays concluíram que 44.6% admitiram ter experimentado abuso numa relação íntima, sendo que 20.8% revelaram já terem sido vítimas de violência emocional, 13.9% de violência física e 6.9% de violência sexual.

Existe portanto uma notável variação no que concerne às taxas atribuídas à forma de abuso sofrida. Por exemplo, numa amostra aleatória de 284 homens gays em que estes eram apenas vítimas ou vítimas e perpetradores de violência no namoro, foi possível apurar que quase 94% sofreram violência psicológica e 96% perpetraram este tipo

de abuso, 41% sofreram vitimização física e 35% relataram ter perpetrado este tipo de abuso e 12% afirmam terem sofrido violência sexual (Bartholomew, Regan, White & Oram, 2008). Essa disparidade também é observada em mulheres lésbicas, com índices de vitimização físicos e verbais rondando os 25% e 44%, respetivamente (Messinger, 2011).

Em Portugal, e sobre a violência entre parceiros do mesmo sexo, destaca-se um estudo de Machado e Antunes, (2005) realizado com uma amostra de 63 participantes (48 mulheres lésbicas e 15 homens gays) no qual se verificou que 20.6% dos envolvidos admitiam terem sido vítimas de violência na relação atual, tendo 15.9% assumido terem adotado comportamentos violentos para com o parceiro. Relativamente a relacionamentos anteriores, 61.9% dos participantes mencionavam ter sofrido comportamentos de vitimização, enquanto 46% admitiram ter usado de violência contra o companheiro.

1.1.3. Fatores de risco na violência no namoro em casais heterossexuais e casais homossexuais

Um dos fatores de risco apontado na literatura como estando relacionado com a violência nos relacionamentos são as aprendizagens e experiências negativas vividas durante a infância, sendo o contexto familiar aqui fundamental. No estudo de Renner e Whitney, (2012) a negligência na infância e o abuso físico têm sido associados significativa e diretamente com a violência no namoro por parte do sexo feminino enquanto vítimas, ao passo que a exposição ao abuso sexual mostrou ser preditora de perpetração de violência por parte dos homens (Fang & Corso, 2007). Entre as mulheres, aquelas expostas a abuso físico ou sexual na infância têm um risco significativamente maior de vitimização, em comparação com as que não foram expostas (Barnes et al., 2009; Baynard et al., 2000; Desai et al., 2002).

De acordo com a teoria da aprendizagem social, os comportamentos socialmente aprendidos em meio familiar são muitas vezes reproduzidos pelos adolescentes em espaços extrafamiliares, configurando-se, por vezes, em atitudes de permissividade e violência ao nível das relações íntimas (Oliveira & Sani, 2009). Pais que utilizam a punição como disciplina, mostram aos seus filhos que a violência consiste numa forma apropriada na resolução dos seus problemas (Gomes, Diniz, Araújo & Coelho, 2007). Alguns autores descrevem a existência de uma relação parental violenta como percussora da violência na intimidade juvenil (Caridade & Machado, 2006),

considerando que esta pode influenciar o indivíduo a considerar o uso da violência como aceitável no percurso da sua vida (Melander, Noel, & Tyler, 2010; Offenhauer, 2011).

Deste modo, pode afirmar-se que a perpetração da violência no namoro e a vitimização compartilham em parte os mesmos fatores de risco tais como testemunhar violência entre os pais, ser vítima direta de violência pelos pais (Cyr, McDuff & Wright, 2006; Gil-Gonzales, Vives-Cases, Ruiz, Carrasco-Portino & Álvarez-Dardet, 2007; Hickman, Jaycox, & Aronoff, 2004), sofrer abuso sexual (DiLillo, Giuffre, Tremblay & Peterson, 2001), conviver com amigos que são violentos com os seus parceiros íntimos, aceitar a violência como meio natural de resolução de conflitos e apresentar défices ao nível de competências sociais e assertivas de controlo de raiva e autocontrolo emocional (Anacona, 2008; Caridade & Machado, 2006; Paiva & Figueiredo, 2003).

Para além destes fatores, as investigações sugerem ainda que outros como um nível sócioeconómico baixo, uma idade jovem, o uso de álcool e drogas, uma baixa autoestima, a submissão nas relações e outros fatores psicológicos são fatores que se encontram diretamente relacionados com elevados níveis de violência nas relações de intimidade (Balsam & Szymanski, 2005; Barrett & St. Pierre, 2013; Bartholomew, Regan, Oram & White, 2008; Craft & Serovich, 2005; Eaton et al., 2008; Houston & McKirnan, 2007). Também o isolamento social, a falta de competências de resolução de problemas (Caridade, 2008; Caridade & Machado, 2006; Vagi et al., 2013) e comportamentos de raiva são considerados fatores de risco (Caridade & Machado, 2006; Vagi et al., 2013).

No que concerne ao abuso de álcool, este também tem mostrado desempenhar um papel na violência no namoro (Temple & Freeman, 2011; Walleret et al., 2012) sendo que muitos estudos realizados sobre a violência examinam o uso do álcool por parte do agressor (Cattaneo & Goodman, 2003; Chartier & Caetano, 2012; Stuart et al., 2003). No entanto, os resultados indicam também que este pode ser um fator de risco relevante para a vitimização (Lipsky et al., 2005). Num estudo internacionalmente representativo de vítimas de violência íntima em adultos Thompson e Kingree (2006) verificaram que 6.9% das mulheres e 20.8% dos homens relataram ter consumido álcool no momento do incidente de violência.

Relativamente aos fatores de risco na população homossexual e embora os indivíduos LGBT demonstrem fatores de risco semelhantes aos indivíduos heterossexuais no que concerne à violência no namoro (Edwards, Sylaska & Neal,

2015), existe uma particularidade inerente somente à população homossexual, entendida através de um quadro de stress minoritário (Meyer, 2003). Este é definido como um construto multifacetado que inclui experiências especificamente relacionadas ao conceito/status de minoria sexual tais como: ocultação de identidade e confusão, rejeição, vitimização, discriminação, estigmatização e homofobia internalizada (Lewis, Millentich, Kelley & Woody, 2012). Desta forma, estudos sugerem que as experiências de stress minoritário aumentam o risco de vitimização e perpetração de violência nas relações de namoro homossexuais (Balsam & Szymanski, 2005; Edwards & Sylaska, 2013; Gillum & DiFulvio, 2012). Salienta-se ainda que esse stress também pode dificultar a divulgação da violência entre as vítimas LGBT uma vez que assumir que se está num relacionamento violento significa, frequentemente, revelar a sua orientação sexual (*outing*). Este *outing* implica que se torne pública a orientação sexual do indivíduo, comportamento que muitos homens e mulheres homossexuais preferem não tomar devido ao medo de perderem relacionamentos pessoais significativos (Nogueira et al., 2010; Irwin, 2008; St. Pierre & Senn, 2010; Walters, 2011).

Esta conclusão reflete os resultados de estudos quantitativos que verificaram que, tanto a discriminação homofóbica quanto a homofobia internalizada, aumentaram o risco de violência dentro do relacionamento homossexual (Balsam & Szymanski, 2005; Finneran & Stephenson, 2014; Pepper & Sand, 2015).

1.2. Estudos sobre a violência no namoro em casais heterossexuais e casais homossexuais e as variáveis sócio-demográficas

No que se refere aos estudos sobre a violência no namoro nos casais heterossexuais e homossexuais, os resultados obtidos têm sido contraditórios. Assim, alguns estudos afirmam que a violência no namoro é mais prevalente em casais homossexuais (Bailey, 1996; Balsam et al., 2005; Chen & Breiding, 2013; Edwards et al., 2014; Freedner et al., 2002; Island & Letellier, 1991; Jones & Raghavan, 2012; Martin-Storey, 2015; Tjaden & Thoennes, 2000; Turell, 2000) ao passo que outros estudos mencionam que esta é mais frequente em casais heterossexuais (Capaldi & Owen, 2001; Duarte & Lima, 2006; Straus, 2010; Straus & Gelles, 1990; William & Frieze, 2005). Por outro lado, existem ainda alguns estudos que mencionam que a violência ocorre em taxas semelhantes, quer em casais heterossexuais quer em casais homossexuais (Jones & Raghavan, 2012).

A literatura recente sugere que adultos LGBT experimentam vitimização de violência no namoro numa taxa mais alta do que os seus pares heterossexuais (Goldberg & Meyer, 2013; Martin-Storey, 2015; Messinger, 2011). De entre os estudos que referem que a violência ocorre mais frequentemente entre os casais homossexuais, destacam-se os trabalhos da Health Interview Survey na Califórnia (Zahnd et al., 2010, cit in Frankland, 2014) os quais evidenciaram que 27.9% dos indivíduos homossexuais adultos reportaram violência física e/ou sexual desde a idade dos 18 anos, comparativamente aos 17% de casais heterossexuais. Relativamente à perpetração, estudos mostraram que a violência física nos casais do mesmo sexo tende a ser bidirecional e não unidirecional (Bartholomew et al., 2008; Stanley et al., 2006). Também o National Intimate Partner and Sexual Violence Survey, documentou a prevalência da violência na intimidade ao longo da vida - violência física, sexual, *stalking* – não contemplando no seu estudo a violência psicológica. Observaram-se valores mais elevados entre os indivíduos LGBT (mulheres bissexuais – 61.1%; mulheres homossexuais – 43.8%; homens bissexuais – 37.3%; homens homossexuais – 26.0%), em comparação com indivíduos heterossexuais (mulheres heterossexuais – 35.0% e homens heterossexuais – 29.0%) (Walters, Chen & Breiding, 2013).

Considerando a violência física severa, os resultados das investigações de Walters e colaboradores (2013) também demonstraram valores mais elevados nos indivíduos LGBT (mulheres bissexuais – 49.3%, mulheres homossexuais – 29.4%; homens homossexuais – 16.4%) comparativamente aos casais heterossexuais (mulheres heterossexuais - 23.6%; homens heterossexuais - 13.9%). Estes dados são consistentes com os resultados do estudo de Messinger (2011) no qual todas as formas de violência no namoro mostraram ser mais elevadas nos indivíduos do mesmo sexo comparativamente aos indivíduos heterossexuais. Alguns autores referem também que as mulheres pertencentes ao grupo sexual minoritário têm maior probabilidade de serem vítimas de violência sexual (Goldberg & Meyer, 2013; West, 2012) seguindo-se as mulheres heterossexuais (Goldberg & Meyer 2013; Tjaden & Thoennes, 2000) os homens homossexuais e, por fim, os homens heterossexuais (Balsam et. al., 2005; Messinger, 2011). Ainda no estudo de Messinger (2011) e relativamente ao tipo de violência entre pessoas do mesmo sexo, estas apresentaram duas vezes mais probabilidade de relatar agressão verbal (69%), comportamentos controladores (77%), agressão física (36%) e agressão sexual (11%) nos seus relacionamentos do que aqueles com relacionamentos exclusivamente heterossexuais.

Num estudo mais recente, realizado por Martin-Storey (2015), o autor verificou também que os jovens de minorias sexuais experimentam mais violência no namoro do que os seus pares heterossexuais. Especificamente, as mulheres que se identificaram como lésbicas (42%), bissexuais (42%) ou inseguras (25%) referiram vitimização com mais frequência do que as mulheres heterossexuais (16%). Os rapazes demonstraram esse mesmo padrão, com os rapazes gays (32%), bissexuais (20%) e inseguros (36%) relatando experiências de vitimização mais frequentemente do que os rapazes heterossexuais (6%), nas formas de abuso físico (43%), abuso psicológico (59%), cyber abuso (37%) e coerção sexual (23%), quando comparados com jovens heterossexuais (29%, 46%, 26% e 12%, respetivamente). Também Danke e colaboradores, (2013) no seu estudo envolvendo 3745 jovens, encontraram resultados semelhante em relação às formas de abuso físico, psicológico, cyber abuso e coerção sexual, auferindo que os jovens LGBT relataram consistentemente maior prevalência de vitimização nas relações de namoro.

Também Balsame e colaboradores (2005) e Bowen e Nowiski (2012) auferiram taxas mais altas de violência no namoro no caso de indivíduos homossexuais do que heterossexuais. Estes resultados são compatíveis com a maioria das estimativas anteriores (Alexander, 2002; Burke & Follingstad, 1999; Freedner et al., 2005; Potoczniak, Mourot, Crosbie- Burnett & Potoczniak, 2003; Russell, Everett, Rosario & Birkett, 2014). Em suma e de acordo com diversos estudos (e.g., Russell, Everett, Rosario & Birkett, 2014; Messinger, 2011) os indivíduos LGBT encontravam-se mais propensos a experienciar todas as formas de violência na intimidade, ao contrário dos indivíduos heterossexuais.

Por outro lado, de entre os estudos que referem que são os casais heterossexuais aqueles que sofrem mais violência na relação comparativamente aos casais homossexuais, destacam-se os estudos de Ristock (2005) e Murray e Mobley (2009), que estimam que existe uma variação da violência desde 25% a 52% para casais heterossexuais e 17% a 50%, em relacionamentos homossexuais.

Também Brand e Kidd (1986) compararam a violência física sofrida por mulheres em relações heterossexuais e por mulheres em relações homossexuais. Os resultados demonstraram que um total de 27% das mulheres heterossexuais questionadas revelaram que tinham sido fisicamente abusadas pelos seus parceiros, comparativamente com 25% das mulheres lésbicas. Concomitantemente, 9% das

mulheres heterossexuais assumiram ter sido alvo de violência sexual pelos seus parceiros, quando comparadas com 7% das mulheres lésbicas.

Por sua vez, embora algumas investigações tenham encontrado uma prevalência superior de violência no casal em indivíduos heterossexuais ou em indivíduos homossexuais, muitos outros têm verificado resultados similares entre os casais heterossexuais e os casais homossexuais (Alexander, 2002; Freedner et al., 2005; Potoczniak, Mourot, Crosbie- Burnett & Potoczniak, 2003). Neste mesmo sentido, Nunan (2004) refere que nos EUA a violência doméstica entre casais homossexuais ocorre aproximadamente em 12% a 39% dos relacionamentos o que é idêntico às estimativas de violência sofrida por mulheres heterossexuais (Strauss & Gelles, 1990, cit. in Nunan, 2004). Trabalhos clínicos com vítimas de violência doméstica em casais do mesmo sexo demonstraram que a severidade e os tipos de abuso que estes sofrem são similares aos enfrentados pelas mulheres heterossexuais, (Elliot, 1996; Island & Letellier, 1991; Renzetti, 1992). No que concerne à violência física, alguns estudos constataram que a prevalência e a gravidade da violência física entre casais de lésbicas são semelhantes aos de casais heterossexuais (Balsam et al., 2005; Burke & Follingstad 1999; Coleman, 1997). Outros estudos mencionam que o nível de prevalência se encontra a uma taxa comparável ou inferior ao percebido entre os jovens adultos heterossexuais (Gardner, 1989; Tjaden & Thoennes, 2000) sugerindo que a violência doméstica entre as pessoas do mesmo sexo pode seguir o mesmo "ciclo de violência" evidenciado nos relacionamentos entre os indivíduos heterossexuais (Merrill & Wolfe, 2000; Renzetti, 1992; Stanley et al., 2006).

Uma característica que parece ser comum em casais homossexuais e casais heterossexuais parece ser o facto de ambos os grupos recorrerem à violência, intimidação e ao abuso emocional como forma de exercer controlo sobre as vítimas (Eaton et al., 2008; Hequembourg et al., 2001; McLaughlin & Roee, 2001). As vítimas mantêm-se neste tipo de relacionamento pelas mesmas razões: amor pelo parceiro que agride, dependência emocional e/ou financeira, esperança por mudanças e medo de represálias (Cruz, 2003; Island & Letellier, 1991; Merrill & Wolfe, 2000). As relações de violência entre parceiros do mesmo sexo tendem a assumir a mesma forma, padrão, frequência, severidade, impacto e motivação que a violência doméstica heterossexual, envolvendo maus-tratos físicos, isolamento social, injúrias, violência sexual e abuso emocional (Gelles, 1997). Tal como nas relações heterossexuais, os desequilíbrios de poder entre os parceiros íntimos e as lutas de poder pelo controlo da relação estão

fortemente associadas à etiologia da violência doméstica entre gays e lésbicas (Lockhart, White, Causby, & Isaac, 1994). À semelhança das vítimas heterossexuais, também as vítimas homossexuais relatam que a violência sofrida não é um incidente isolado, mas sim um padrão que se repete de forma cíclica tornando-se tendencialmente cada vez mais severo (Renzetti, 1992). Em casos mais graves, as formas menores de violência começam a assumir contornos cada vez mais severos e frequentes, levando a agressões cada vez mais violentas que podem mesmo culminar no homicídio do parceiro (Nunan, 2004). Em termos do tipo de violência, a violência psicológica é o tipo de abuso mais prevalente, sendo experienciado com valores equivalentes entre homens heterossexuais e homossexuais, de acordo com alguns autores (Bowen & Nowinski, 2012).

No que concerne às variáveis sociodemográficas como o género, a orientação sexual, a idade, as habilitações académicas, a situação profissional, o nível socioeconómico, o tipo e duração da relação, estas têm mostrado estar relacionadas com a violência no namoro, como já referido.

No que diz respeito ao género existem resultados contraditórios na literatura os quais referem que, em casais heterossexuais, são as mulheres as que sofrem mais violência por parte dos seus parceiros (Duarte & Lima, 2006; Machado et al., 2009; Straus, 2010; Tjaden & Thoennes, 2000) enquanto outros estudos referem que são os homens a sofrer mais violência dentro das suas relações (Capaldi & Qwen, 2001; Fiebert, 2009; Machado et al., 2010; O'Leary et al., 1989; Straus & Gelles, 1990; William & Frieze, 2005). Em casais homossexuais também existem estudos que afirmam que são as lésbicas aquelas que sofrem mais violência nas suas relações (Edwards, 2015; Lie & Gentlewarrier, 1991; Merrill & Walte, 2000; Turrell, 2000), comparativamente aos gays e estudos que referem que são os homens homossexuais aqueles que sofrem mais violência nas relações (Freedner, Freed, & Austin, 2002; Hequembourg et al., 2008; Machado & Antunes, 2005).

No que concerne à orientação sexual, também existem os estudos que referem que são os casais homossexuais aqueles que experienciam mais violência nas relações (Chen & Breiding, 2013; Edwards et al., 2014; Freedner et al., 2002; Island & Letellier, 1991; Jones & Raghavan, 2012) e, por outro lado, estudos que nos dizem que são os casais heterossexuais os que sofrem mais violência nas suas relações íntimas (Duarte & Lima, 2006; Straus, 2010; Straus & Gelles, 1999).

Relativamente à idade, os estudos apresentam-se divergentes quanto ao papel da idade enquanto preditor de violência no namoro. Existem estudos que mencionam que a violência é mais prevalente em idades mais avançadas. Outros referem que a violência é mais evidente em idades mais jovens. E ainda, os estudos que não obtiveram qualquer relação entre a violência no namoro e a idade.

De entre os estudos que referem que a percepção de violência é mais frequente em idades mais tardias salienta-se o estudo do Relatório Anual de Monitorização da Violência Doméstica (2018) no qual mais de três quartos das vítimas e denunciados encontravam-se no grupo etário dos 25 a 64 anos (75% e 85%, respetivamente) sendo a média de idades de 42 anos para as vítimas e de 43 para os/as denunciados. Analisando o gráfico dos dados relativos à idade no relatório de monitorização anual da violência doméstica (2018) auferiu-se que o pico máximo de idades no qual se verificou uma maior violência sofrida pela vítima e cometida pelo denunciado foi de 35 anos (26%) e 44 anos (29%) respetivamente. Também Garcia e colaboradores (2008) concluíram que a violência era mais prevalente em mulheres com idades compreendidas entre os 18 e 39 anos. Os indivíduos, de uma forma geral, com uma idade mais avançada, apresentam maior risco de se envolverem na prática de atos violentos contra os seus parceiros uma vez que a maior idade do sujeito implica, com maior probabilidade, uma relação amorosa mais longa (APAV, 2011; Goveret al., 2008; Vagi et al., 2013).

Contudo, surgem outros estudos com resultados contraditórios relativamente ao papel da idade, referindo que os casais jovens são mais propensos a apresentar taxas mais altas de violência (Costa, Machado & Antunes, 2009; Machado & Antunes, 2012) com a agressão física a aumentar durante a adolescência até cerca dos vinte anos (O'Leary, 1999). Corroborando o mencionado encontra-se o estudo de Machado e Antunes (2012) com jovens no ensino secundário e superior, auferindo que quanto mais novos são os sujeitos mais tendência apresentam para perpetrar e ser vítimas de atos fisicamente violentos. Também Caetano e colaboradores (2005) e Caetano e colaboradores (2008) referem que a violência bidirecional no namoro está significativamente associada a casais de idades mais jovens, havendo um decréscimo da violência com o avançar da idade. Mirrlees-Black (1999) verificou que os homens com idades compreendidas entre os 20 e os 24 anos se encontravam em maior risco de sofrer e perpetrar violência na intimidade. Também Cunradi e colaboradores (2009) numa amostra de homens homossexuais, observou que os homens que eram vítimas de violência na intimidade eram mais jovens do que aqueles que não sofreram de qualquer

tipo de violência dentro das suas relações íntimas. Neste seguimento, Greenwood, Relf, Huang, Pollack, Canchola e Catania (2002) num estudo envolvendo 2881 homens homossexuais auferiram que homens com idade igual ou inferior a 40 anos estavam mais propensos a sofrer de violência sexual comparativamente com homens mais velhos. Face ao exposto, outros estudos (Bartholomew, Regan, Oram, & White 2008; Chen & White, 2004; Houston & McKirnan, 2007; Nieves-Rosa et al., 2000) não encontraram uma relação significativa entre a violência na intimidade e a idade.

No que diz respeito às habilitações académicas, e de acordo com os dados obtidos no Relatório Anual de Monitorização da Violência Doméstica (2018), quase dois terços das vítimas (60%) possuíam habilitações literárias iguais ou inferiores ao 9º ano, 22,5% possuía habilitações ao nível do ensino secundário e 13% ao nível do superior. Em termos dos denunciados, a proporção daqueles que possuíam habilitações literárias iguais ou inferiores ao 9.º ano era de 65% ao passo que 19% tinham habilitações ao nível do ensino secundário e 10% ao nível do ensino superior. Resultados semelhantes foram auferidos por outros estudos que referem que um nível de escolaridade baixo está associado com elevados níveis de vitimização e perpetração de violência (Drapkin et al., 2005; Melander, Noel & Tyler, 2010; WHO, 2010).

Também relativamente à situação profissional, os estudos se evidenciam divergentes. Seguindo dados do Relatório Anual de Monitorização da Violência Doméstica (2018) metade das vítimas de violência encontrava-se ativa/empregada (55%), 20% estavam desempregadas, cerca de 6% eram domésticas, 9% eram reformadas ou pensionistas e as vítimas estudantes representavam 10%. No caso dos denunciados, 62% estavam ativos, 24% em situação de desemprego, 7% em situação de reforma/pensão e 5% eram estudantes e 1% eram domésticos.

Por outro lado, diversos estudos referem que os indivíduos desempregados têm maior probabilidade de serem vítimas assim como perpetradores de violência nas suas relações de namoro (Cao, Yang, Wang & Zhang, 2014; Drijber, Reijnders & Ceelen, 2012; Garcia et al., 2008). Ainda a este respeito, Garcia e colaboradores (2008) concluíram que a profissão de doméstica e/ou dona de casa se tratava da profissão mais frequente entre as mulheres vítimas de violência doméstica. Este estudo permitiu verificar ainda que a violência era praticada pelo parceiro, o qual apresentava um nível socioeconómico semelhante ao da vítima. O mesmo perfil profissional foi obtido no estudo de Lamoglia e Minayo (2009) em que 31% das mulheres agredidas era doméstica, evidenciando o quanto a dependência cultural e financeira pode ser um fator

de risco para as situações de violência. No entanto, como já referido, através do relatório anual de monitorização da violência doméstica (2018) maior parte das vítimas e agressores encontravam-se empregados. De facto, Fonseca e Lucas (2006) sugerem que um dos fatores que levam a mulher a permanecer na relação violenta é o fator financeiro, sendo que no seu estudo 56% das mulheres afirmaram depender economicamente do companheiro pelo fato de se encontrarem desempregadas tendo, por isso, dificuldades em sustentarem-se a si mesmas e/ou aos seus filhos.

Resultados semelhantes têm sido obtidos relativamente ao nível socioeconómico. Neste sentido, num estudo efectuado com homens em relações do mesmo sexo (Houston & McKirnan, 2007) conclui-se que um nível sócioeconómico mais elevado estava relacionado com taxas mais baixas de violência nas suas relações de intimidade. A corroborar este estudo encontra-se uma investigação de Greenwood e colaboradores (2002) envolvendo 2881 sujeitos, cujos resultados sugerem que um nível socioeconómico elevado está relacionado com valores mais baixos de violência doméstica em casais do mesmo sexo, o mesmo acontece nos casais heterossexuais (Brown & Bulanda, 2008; Houston & McKirnan, 2007; Pournaghash-Tehrani & Feizabadi, 2007; Seow & Foo, 2006).

Relativamente ao tipo de relação, os dados revelam-se díspares. Existem estudos que referem que são os casais casados os que sofrem mais violência; outros estudos evidenciam que são os casais coabitantes. Outros relatos de estudos mencionam serem as mulheres divorciadas ou separadas aquelas que sofrem mais violência e por fim os estudos que referem a existência de padrões semelhantes de violência em casais casados, coabitantes e namorados.

Desta feita, Gover e colaboradores (2008) sugerem que a natureza de algumas relações íntimas, por exemplo aquelas marcadas pela ausência de compromisso ou comumente designadas de “amizades coloridas”, podem suscitar sentimentos de ciúme e frustração, particularmente no sexo feminino, ampliando o risco de perpetração de comportamentos controladores e opressivos.

Em Portugal e através do Relatório Anual de Monitorização da Violência Doméstica (2018) auferiu-se que em termos do estado civil das vítimas, 37% eram casadas ou viviam em união de facto, o mesmo se verificando no caso dos denunciados (39%). De acordo com o Departamento de Justiça dos EUA, a violência no namoro por parte de cônjuges, namorados/as atuais ou do passado, constituía 20% de toda a violência não fatal contra mulheres com 12 anos ou mais, em 2001 (Rennison, 2003)

com 53% de todas as vítimas a serem prejudicadas pelo seu atual ou ex-namorado, e um terço de todas as vítimas a declarar que o agressor era o seu cônjuge (Rennison, 2001).

Por outro lado, Stets e Straus (1989) apuraram que os casais que coabitam apresentam uma taxa de violência ainda maior do que os casais que são casados e que os graves incidentes de violência física cometidos por ambos os parceiros foram seis vezes mais altos do que os casais casados ou a namorar. Outros estudos também relatam que casais que coabitam são mais propensos do que casais casados a envolver-se em violência e, em muitos casos, a violência entre parceiros coabitantes é mais grave (Anderson, 1997; Brownridge & Halli, 2002; Jackson, 1996; Kessler et al., 2001).

Outros estudos apontam taxas de vitimização de violência superiores entre mulheres separadas ou divorciadas quando comparadas com mulheres casadas, divorciadas ou nunca casadas (Bachman & Saltzman 1995; Greenfeld et al., 1998; Hazelet et al., 2004; Rennison, 2001; Rennison & Rand, 2003). Por fim, temos os estudos que nos referem que, em termos de violência situacional do casal, encontraram-se padrões semelhantes de agressão psicológica, hostilidade e perpetração de agressão física em casais que são casados, coabitantes e namorados (Jenkins & Aubé, 2002; Frieze, 2005).

No que concerne à variável duração do namoro, esta é vista como factor de risco, sendo que a violência tende a agravar-se e a ser mais frequente conforme a duração do namoro, de acordo com a literatura (Caridade, 2008; Caridade & Machado, 2006; Goveret et al., 2008; Luthra & Gidycz, 2006). Desta forma, a longevidade da relação aumenta a probabilidade de ocorrerem conflitos, que poderão originar o recurso a práticas abusivas. Este facto pode ser explicado pelo crescente conhecimento acerca da personalidade e hábitos do parceiro, assim como o aumento da confiança. Neste sentido, Beserra e colaboradores (2016) no seu estudo verificaram que o sexo dos participantes pode ser uma variável a considerar nesta relação, na medida em que observaram que quanto maior a duração da relação de intimidade, mais são os comportamentos de vitimização e perpetração entre as mulheres, ao passo que, no caso dos homens, apenas o comportamento de perpetração aumentava com a duração da relação amorosa. Os resultados obtidos neste estudo foram semelhantes aos obtidos pelo estudo de Barreira, Lima e Avanci (2013) envolvendo 302 sujeitos no qual os autores constataram uma associação positiva significativa entre a duração do namoro nos jovens e o número de episódios de violência psicológica, isto é, os autores auferiram que quanto maior for a duração do namoro mais probabilidade existe de ocorrer violência

psicológica na relação. Caridade e Machado (2006) referem ainda que quanto maior for a duração do relacionamento e o tempo de ocorrência do primeiro episódio de violência, maior será a probabilidade do vínculo se manter, pois os laços afetivos já se encontram mais consolidados, o que dificulta a tomada de decisão relativamente ao rompimento da relação.

2. Estudo Empírico

2.1. Objetivos do estudo

A presente investigação pretende caracterizar a percepção da violência no namoro nos jovens adultos e perceber de que forma esta varia em função do género, orientação sexual, idade, habilitações académicas, nível socioeconómico, situação profissional, tipo de relação e duração da relação.

2.2. Variáveis do estudo

Váriável dependente: Percepção da violência no namoro

Variáveis independentes: género; orientação sexual; idade; habilitações académicas; nível socioeconómico; situação profissional; tipo de relação e duração da relação.

2.3. Hipóteses do estudo

H₁ A percepção da violência no namoro varia em função da orientação sexual, sendo que os casais homossexuais percebem mais violência nas suas relações de namoro, comparativamente com os casais heterossexuais (e.g., Alexander 2002; Balsamet al., 2005; Blasko, Winek & Bieschke, 2007; Hamby, 2009; Madera & Toro-Alfonso, 2005; Messinger, 2011; Poorman, Seelau & Seelau, 2003).

H₂ A percepção da violência no namoro é mais prevalente em mulheres (e.g., Duarte & Lima, 2006; Edwards, 2015; Machado, Caridade & Martins, 2009; Straus, 2010).

H₃ A percepção da violência no namoro varia em função da idade, diminuindo à medida que idade aumenta (e.g., Caetano et al., 2005; O'Leary, 1999; WHO, 2010).

H₄ A percepção da violência no namoro é menos frequente em indivíduos com elevado nível de escolaridade (e.g., Antunes & Machado, 2012; Houston & McKirnan, 2007; Pournaghash-Tehrani & Feizabadi, 2007).

H₅ A percepção da violência no namoro é mais prevalente em indivíduos desempregados (e.g., Fonseca & Lucas, 2006; Garcia et al., 2008; Lamoglia & Minayo, 2009).

H₆ A percepção da violência no namoro é mais prevalente em indivíduos com um nível socioeconómico baixo (e.g., Houston & McKirnan, 2007).

H₇ A percepção da violência no namoro varia em função do tipo de relação (e.g., Goveret al., 2008).

H₈ A percepção do número de episódios de violência varia de acordo com a duração da relação, aumentando à medida que a relação é mais longa. (e.g., Barreira, Lima & Avanci, 2013; Beserra et al., 2016; Goveret al., 2008; Luthra & Gidycz, 2006).

2.4. População e Amostra

A amostra deste estudo é constituída por 73 indivíduos. A tabela 1 apresenta as medidas descritivas relativas às características sócio-demográficas da amostra. A maioria dos participantes são do género feminino ($n= 51$, 69.9%). No que diz respeito à orientação sexual, 36 participantes são heterossexuais (49.3%) e 37 são homossexuais (50.7%). As idades variam entre os 18 e os 53 anos ($M=28.68$, $DP= 6.09$). Referente às habilitações académicas dos participantes, apurou-se que 3 possuíam o 9º ano (4.1%), 17 possuíam o 12º ano (23.3%) e 53 possuíam o ensino superior (72.6%). No que concerne à situação profissional, apurou-se que 11 dos participantes eram estudantes (15.3%), 56 estavam empregados (77.8%), 5 se encontravam desempregados (6.9%). No que diz respeito à situação económica, 8 mencionaram que tinham um nível sócio económico baixo (11.1%), 62 referiram que possuíam um nível sócio económico médio (86.1%) 2 mencionaram que tinham um nível sócio económico elevado (2.8%).

Relativamente ao tipo de relação, apurou-se que 36 dos participantes se encontravam numa relação de namoro (49.3%), 10 encontravam-se numa união de facto (13.7%), 3 mantinham uma relação de amigos coloridos (4.1%), 10 dos sujeitos eram casados (13.7%), sendo que 14 se encontravam solteiros no momento presente (19.2%). No que diz respeito à duração do namoro, foi possível constatar que 16 participantes se encontravam numa relação inferior a 1 ano (25.0%), 11 encontravam-se numa relação de 1 ano (17.2%), 6 mantinham uma relação de 2 anos (9.4%), 28 encontravam-se numa relação de 3 anos (43.8%), 3 encontravam-se numa relação superior a 3 anos (4.7%).

Tabela 1

Medidas descritivas relativas às características sociodemográficas da amostra

	<i>n (%)</i>	<i>M (DP)</i>
Género		
Masculino	22 (30.1)	
Feminino	51 (69.9)	
Orientação Sexual		
Heterossexual	36 (49.3)	
Homossexual	37 (50.7)	
Idade		28.68 (6.09)
Habilitações Académicas		
9ºano	3 (4.1)	
12ºano	17 (23.3)	
Ensino Superior	53 (72.6)	
Situação Profissional		
Estudante	11 (15.3)	
Empregado	56 (77.8)	
Desempregado	5 (6.9)	
Nível Socioeconómico		
Baixo	8 (11.1)	
Médio	62 (86.1)	
Elevado	2 (2.8)	
Tipo de Relação		
Solteiro	14 (19.2)	
Amigos coloridos	3 (4.1)	
Namoro	36 (49.3)	
União de facto	10 (13.7)	
Casados	10 (13.7)	
Duração da relação		
Inferior a 1 ano	16 (25.0)	
1 ano	11 (17.2)	
2 anos	6 (9.4)	
3 anos	28 (43.8)	

2.5. Instrumentos de Avaliação

Para o presente estudo foram utilizados o questionário sócio-demográfico e o Conflict Tactics Scales, adaptado para a população portuguesa (CTS2).

No que diz respeito ao questionário sociodemográfico, este foi previamente elaborado para a presente investigação. Referente à sua estrutura, este iniciou-se com uma breve descrição acerca do âmbito, objetivo geral e pertinênciado estudo garantindo-se o anonimato e confidencialidade de todas as respostas. Seguidamente surge o género envolvendo as opções feminino e masculino; a idade na qual os participantes a mencionavam numericamente; a orientação sexual com as opções: heterossexual e homossexual; as habilitações académicas com as opções: 6º ano, 9º ano, 12º ano, ensino superior; a situação profissional que envolvia as opções: estudante, empregado, desempregado; o nível socioeconómico: baixo, médio, elevado; o tipo de relação: amigos coloridos, namoro, união de facto, casados, neste momento estou solteiro/a mas já tive uma relação no passado; e a duração do namoro: inferior a 1 ano, 1 ano, 2 anos, 3 anos, superior a 3 anos.

O Conflict Tactics Scale (CTS2) foi desenvolvido por Murray Straus em 1996 e visa analisar a violência doméstica contra um parceiro numa relação de namoro ou casal. Este instrumento foi adaptado para a versão portuguesa por Carla Paiva e Bárbara Figueiredo no ano de 2008. A adaptação apresenta valores de consistência interna compreendidos entre .78 e .50 (Figueiredo & Paiva, 2008). A CTS2 é composta por 39 itens agrupados em pares de perguntas destinados ao participante e ao companheiro, perfazendo um total de 78 questões, com um formato breve e tempo de administração e resposta médio entre 10 a 15 minutos, o que permite obter dados a respeito dos dois elementos da diade, comparar as suas respostas quando administradas a ambos, e ainda determinar o quanto as tácticas de resolução de conflitos são participadas por cada um, mesmo quando um deles não é directamente avaliado (Straus et al., 1996). Contabilizam ainda o número de ocorrências durante o último ano por parte do indivíduo e pelo companheiro, incluindo oito categorias de resposta, as primeiras seis destinadas a determinar a prevalência e cronicidade no último ano. Ao nível da caracterização psicométrica, as escalas CTS2 apresentam índices de boa fidelidade e validade, nomeadamente: abuso físico sem sequelas ($\alpha = .86$); abuso físico com sequelas ($\alpha =$

.95); coerção sexual ($\alpha = .87$); negociação ($\alpha = .86$) e agressão psicológica ($\alpha = .86$). O valor do alfa de Cronbach referente à consistência interna da escala total para a perpetração é $\alpha = .79$ e para a vitimização $\alpha = .80$ (Figueiredo & Paiva, 2008).

Relativo à cotação, uma vez que se estão a avaliar diferentes táticas de resolução de conflitos, e em particular formas de abuso com taxas de ocorrência muito diversas, os autores recomendam o uso da *prevalência* e da *cronicidade*, para melhor compreensão dos valores obtidos, sendo a cronicidade especialmente útil para lidar com a distribuição extremamente enviesada que é comum encontrar para as escalas de abuso físico em amostras não clínicas (Strauset al., 1996). A *cronicidade* é obtida pela transformação do valor da escala original no ponto médio de cada categoria e soma posterior dos pontos médios dos itens: (1) “1 vez”, teria o valor 1, (2) “2 vezes”, teria o valor 2, (3) “3 a 5 vezes”, teria o valor 4, (4) “6 a 10 vezes”, teria o valor 8, (5) “11 a 20 vezes”, teria o valor 15, (6) “mais de 20 vezes”, teria o valor 25. Para a determinação da cronicidade no ano anterior são considerados *missing* as categorias de respostas (7) e (8). A *frequência anual* é determinada pela soma dos pontos médios de cada item, conforme o acima especificado, e posterior dicotomização dos itens, atribuindo às respostas assinaladas de 1 a 6 o valor 100 (ocorreu no ano anterior) e às respostas assinaladas 7 e 8 o valor 0 (não ocorreu no ano anterior), obtendo-se assim a *prevalência no ano anterior*. Para determinar a *prevalência global*, a todas as categorias de resposta de 1 a 7 atribui-se o valor 1 (ocorreu em alguma altura), e à categoria 8 o valor 0 (nunca ocorreu). As CTS2 fornecem indicações para um total de 30 resultados possíveis [5 escalas \times 2 classificações para o tipo de agente (sujeito ou companheiro) \times 3 tipos de classificações para os níveis de severidade (ligeiro, severo, total) = 30 *scores*].

Em termos de consistência interna e referente à escala de perpetração, o instrumento apresentou valores de alfa de cronbach de .57 para a dimensão negociação, .80 para a dimensão agressão psicológica, .83 para a dimensão abuso físico sem sequelas, .46 para a dimensão coerção sexual e .65 para a dimensão abuso físico com sequelas. Em termos de consistência interna e referente à escala de vitimização o instrumento apresentou valores de alfa de cronbach de .75 para dimensão negociação, .85 para dimensão agressão psicológica, .83 para dimensão abuso físico sem sequelas, .52 para a dimensão coerção sexual, .32 para a dimensão abuso físico com sequelas.

2.6. Procedimentos de recolha de dados

No que concerne à recolha de dados, esta baseou-se numa recolha online. O questionário sociodemográfico e o questionário CTS2 foram transcritos para o googledocs a fim de serem distribuído via online. Desta forma, procedeu-se à partilha do link incluindo ambos os questionários via e-mail bem como através de partilhas em redes sociais. Esta partilha foi efetuada desde Janeiro de 2019 até ao final do mês de Abril de 2019 perfazendo um total de 3 meses de recolha de dados.

2.7. Resultados

A análise de dados foi realizada com recurso ao programa IBM SPSS, versão 23. Inicialmente foi realizada uma análise exploratória de dados para as variáveis quantitativas no sentido de verificar se estas apresentavam uma distribuição normal, pressuposto que está subjacente à utilização de estatística paramétrica. Esta análise teve em consideração os valores de assimetria e curtose, os resultados dos testes Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilke análise gráfica. Verificou-se que as variáveis relativas à percepção de violência não apresentavam distribuição normal pelo que se optou pela utilização de estatística não paramétrica na sua análise.

Para a análise descritiva das variáveis foram apresentadas frequências absolutas (n) e relativas (%) para variáveis qualitativas, média e desvio padrão para variáveis quantitativas. Tendo em consideração a ausência de normalidade das variáveis foram também apresentadas a mediana e a amplitude interquartil (AIQ). Para efeitos dos testes de hipóteses optou-se por dicotomizar a variável *situação profissional* e categorizar o *tipo de relação* em três categorias dado que ambas as variáveis apresentavam categorias com uma frequência muito baixa.

Para analisar diferenças ao nível das variáveis quantitativas sem distribuição normal em função de uma variável qualitativa com dois grupos, foi utilizado o teste de Mann-Whitney. Para analisar diferenças em função de uma variável qualitativa com três grupos foi utilizado o teste KruskalWallis. Na presença de resultados estatisticamente significativos, foram realizados testes de Mann-Whitney com correção Bonferroni para averiguar quais os grupos que apresentavam diferenças. Para analisar a correlação entre duas variáveis quantitativas, pelo menos uma delas sem distribuição normal, foi utilizado o coeficiente de correlação de Spearman.

Em termos de resultados começam por se apresentar as medidas descritivas em relação à percepção da violência no namoro. De seguida, no sentido de testar as

hipóteses definidas anteriormente, são analisadas diferenças na percepção da violência no namoro em função em função das variáveis sociodemográficas.

Medidas descritivas relativas à violência no namoro

A tabela 2 apresenta as medidas descritivas relativas às dimensões da violência no namoro referentes à escala de perpetração e vitimização. Observa-se que relativamente ao abuso físico com e sem sequelas e à coerção sexual, pelo menos metade da amostra nunca perpetrou ou foi vítima destes tipos de violência ($Mdn = 0.00$). Por outro lado, no que diz respeito à negociação, observa-se que pelo menos metade dos participantes reportou ter perpetrado ou sido vítima deste tipo de violência 6 vezes ao longo da vida ($Mdn = 6.00$, $AIQ = 1.00$).

Tabela 2

Medidas descritivas relativas à violencia no namoro

	<i>Mdn(AIQ)</i>	<i>Min – Max</i>
Perpetração		
Negociação	6.00 (1.00)	2-6
Agressão Psicológica	2.00 (3.00)	0-8
Abuso físico sem sequelas	0.00 (1.00)	0-8
Coerção sexual	0.00 (1.00)	0-4
Abuso físico com sequelas	0.00 (0.00)	0-3
Vitimização		
Negociação	6.00 (1.00)	2-6
Agressão Psicológica	2.00 (5.00)	0-8
Abuso físico sem sequelas	0.00 (1.00)	0-8
Coerção Sexual	0.00 (1.75)	0-4
Abuso físico com sequelas	0.00 (0.00)	0-2

Percepção da violência no namoro em função das variáveis sociodemográficas

As tabelas 4 a 11 apresentam os resultados das análises da percepção da violência no namoro, referentes à escala de perpetração e vitimização, em função das variáveis sociodemográficas, nomeadamente género, orientação sexual, idade,

habilitações académicas, situação profissional, nível socioeconómico tipo e duração da relação.

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na dimensão coerção sexual em função do género, na escala de perpetração, $U = 281.50$, $p = .010$, e na escala de vitimização, $U = 221.50$, $p = .001$. Sendo que participantes do sexo masculino reportaram perpetrar e serem vítimas de mais coerção sexual do que participantes do sexo feminino (tabela 3).

Tabela 3

Diferenças na percepção da violência no namoro em função do género

	Masculino ($n = 22$) Ordem média	Feminino ($n = 37$) Ordem média	U	p
Perpetração				
Negociação	31.00	33.29	429.00	.575
Agressão	38.30	34.22	466.50	.431
Psicológica				
Abuso físico sem sequelas	35.00	35.70	490.00	.879
Coerção sexual	37.70	27.22	281.50*	.010
Abuso físico com sequelas	38.82	35.48	499.00	.157
Vitimização				
Negociação	29.50	34.07	396.00	.269
Agressão	39.68	31.59	356.50	.115
Psicológica				
Abuso físico sem sequelas	41.00	34.52	451.00	.148
Coerção sexual	39.45	25.68	221.50**	.001
Abuso físico com sequelas	38.41	35.66	508.00	.284

* $p < .05$; ** $p < .01$

A tabela 4 apresenta os resultados da análise de diferenças ao nível da percepção da violência no namoro, referentes à escala de perpetração e vitimização, de acordo com a orientação sexual. Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na dimensão agressão psicológica, na escala de perpetração, $U = 444.50$, $p = .046$.

Verifica-se que participantes heterossexuais reportaram perpetrar mais agressão psicológica quando comparados com participantes homossexuais.

Tabela 4

Diferenças na percepção da violência no namoro em função da orientação sexual

	Heterossexual ($n = 36$) Ordem média	Homossexual ($n = 37$) Ordem média	U	p
Perpetração				
Negociação	35.21	29.95	427.50	.175
Agressão Psicológica	40.43	30.85	444.50*	.046
Abuso físico sem sequelas	36.68	34.25	569.50	.559
Coerção sexual	27.94	34.38	366.00	.101
Abuso físico com sequelas	36.06	36.94	632.00	.683
Vitimização				
Negociação	35.97	29.24	404.00	.087
Agressão Psicológica	36.97	31.12	463.00	.212
Abuso físico sem sequelas	34.76	38.24	585.50	.400
Coerção sexual	26.92	34.33	338.50	.069
Abuso físico com sequelas	35.44	37.56	610.00	.372

* $p < .05$

Como pode verificar-se na tabela 5 não foram encontradas correlações estatisticamente significativas entre a idade dos participantes e a percepção da violência no namoro, no que concerne às escalas de perpetração e vitimização (todos $p > .05$).

Tabela 5

Correlação entre a percepção da violência no namoro e a idade

	Idade			
	Perpetração		Vitimização	
	r_s	p	r_s	p
Negociação	.10	.425	.13	.308
Agressão Psicológica	.12	.346	.12	.320
Abuso físico sem sequelas	.13	.287	.09	.435
Coerção sexual	-.09	.493	.04	.763
Abuso físico com sequelas	.05	.678	.05	.663

Relativamente à relação entre as habilitações académicas e a percepção de violência no namoro (tabela 6) foi encontrada apenas uma correlação negativa estatisticamente significativa entre as habilitações académicas e a dimensão abuso físico com sequelas, na escala de perpetração, $r_s = -.33$, $p = .004$. Assim, um nível superior de escolaridade está associado a uma menor frequência de perpetração deste tipo de violência.

Tabela 6

Correlação entre a percepção da violência no namoro e as habilitações académicas

	Habilitações Académicas			
	Perpetração		Vitimização	
	r_s	p	r_s	p
Negociação	-.06	.622	-.08	.555
Agressão Psicológica	-.20	.104	-.21	.095
Abuso físico sem sequelas	-.12	.323	-.07	.558
Coerção sexual	-.14	.288	-.23	.073
Abuso físico com sequelas	-.33**	.004	-.17	.167

** $p < .01$

Como pode verificar-se na tabela 7, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ao nível da percepção da violência no namoro, nas escala de perpetração e vitimização, de acordo com a situação profissional (todos $p > .05$).

Tabela 7

Diferenças na percepção da violência no namoro em função da situação profissional

	Desempregado ($n = 14$) Ordem média	Empregado ($n = 49$) Ordem média	U	p
Perpetração				
Negociação	31.21	32.22	332.00	.828
Agressão	33.31	35.51	397.00	.698
Psicológica				
Abuso físico sem sequelas	32.41	35.78	382.50	.492
Coerção sexual	29.71	31.38	311.00	.720
Abuso físico com sequelas	33.50	36.73	400.00	.215
Vitimização				
Negociação	32.07	31.98	342.00	.984
Agressão	31.31	34.20	365.00	.595
Psicológica				
Abuso físico sem sequelas	34.16	36.54	410.50	.629
Coerção Sexual	24.19	31.64	223.50	.128
Abuso físico com sequelas	33.00	36.87	392.00	.171

Relativamente à relação entre o nível socioeconómico e a percepção de violência no namoro, nas escalas de perpetração e vitimização (tabela 8), não foram encontradas correlações estatisticamente significativas (todos $p > .05$).

Tabela 8

Correlação entre a percepção da violência no namoro e o nível socioeconómico

	Nível socioeconómico			
	Perpetração		Vitimização	
	r_s	p	r_s	p
Negociação	.02	.854	.20	.106
Agressão Psicológica	-.08	.538	-.09	.461
Abuso físico sem sequelas	.15	.145	.06	.602
Coerção sexual	-.09	.493	.07	.596
Abuso físico com sequelas	-.09	.472	-.06	.599

Como pode verificar-se na tabela 9, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na percepção da violência no namoro, na escala de perpetração, em função do tipo de relação (todos $p > .05$). No que diz respeito à escala de vitimização foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na dimensão agressão psicológica, $X^2(2) = 6.53$, $p = .038$. No entanto, três testes de Mann-Whitney com correção Bonferroni indicaram que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos (todos $p > .017$).

Tabela 9

Diferenças na percepção da violência no namoro em função do tipo de relação

	Solteiro (<i>n</i> = 17) Ordem média	Namoro (<i>n</i> = 36) Ordem média	Casado/União de facto (<i>n</i> = 20) Ordem média	X ² (2)	<i>p</i>
Perpetração					
Negociação	34.03	32.80	30.38	.47	.791
Agressão	43.03	32.88	34.06	2.95	.228
Psicológica					
Abuso físico	38.85	33.44	36.18	1.14	.566
sem sequelas					
Coerção sexual	33.82	32.19	25.50	2.69	.260
Abuso físico	38.12	36.00	36.00	.69	.710
com sequelas					
Vitimização					
Negociação	31.72	33.55	31.19	.29	.864
Agressão	44.93	29.90	32.79	6.53*	.038
Psicológica					
Abuso físico	44.15	35.63	31.32	4.99	.082
sem sequelas					
Coerção Sexual	34.59	31.29	24.60	3.24	.198
Abuso físico	39.68	35.61	35.34	2.24	.326
com sequelas					

**p* < .05

Relativamente à associação entre a percepção da violência no namoro e a duração do mesmo (tabela 10) foi encontrada apenas uma correlação negativa estatisticamente significativa entre a duração da relação e a dimensão da coerção sexual, na escala de perpetração, $r_s = -.31$, $p = .027$ e na escala de vitimização, $r_s = -.37$, $p = .007$. Deste modo, uma duração superior da relação está associada com uma menor frequência deste tipo de violência.

Tabela 10

Correlação entre a percepção da violência no namoro e a duração da relação

	Duração da relação			
	Perpetração		Vitimização	
	r_s	p	r_s	P
Negociação	.11	.433	.11	.433
Agressão Psicológica	.00	.990	.02	.896
Abuso físico sem sequelas	-.15	.250	-.18	.152
Coerção sexual	-.31*	.027	-.37**	.007
Abuso físico com sequelas	-.17	.186	-.11	.395

* $p < .05$; ** $p < .01$

Em forma de síntese, os resultados foram analisados em termos das escalas de perpetração e vitimização. Referente à percepção da violência em função do género, os resultados evidenciaram que o sexo masculino reporta perpetrar e ser vítima de mais coerção sexual. Em relação à percepção da violência em função da orientação sexual, os participantes heterossexuais reportaram perpetrar mais agressão psicológica. No que diz respeito à percepção da violência e as habilitações académicas conclui-se que um nível superior de escolaridade está associado a uma menor frequência de perpetração de abuso físico com sequelas. No que concerne à percepção da violência em função da duração da relação, apurou-se que uma duração maior da relação está associada a uma menor frequência de perpetração e vitimização de coerção sexual.

2.8. Discussão dos resultados

O principal objetivo deste estudo prendeu-se com a caracterização da percepção da violência no namoro em função da orientação sexual.

No sentido de dar resposta aos objetivos específicos, foi analisada a percepção dos jovens adultos sobre a violência no namoro em função das seguintes variáveis sociodemográficas: género, orientação sexual, idade, habilitações académicas, situação profissional, nível sócioeconómico, tipo e duração da relação.

No que diz respeito à hipótese 1: *A percepção da violência no namoro varia em função da orientação sexual, sendo que os casais homossexuais percecionam mais violência nas suas relações comparativamente com os casais heterossexuais,*

contrariamente ao esperado, a hipótese não foi confirmada. No entanto, no presente estudo, verificou-se que participantes heterossexuais reportaram perpetrar mais agressão psicológica quando comparados com participantes homossexuais. Este resultado vai de encontro aos estudos que referem que são os casais heterossexuais os que perpetraram mais violência nas suas relações de namoro (e.g., Anderson, 2002; Capaldi & Owen, 2001; Duarte & Lima, 2006; Machado et al., 2010; Straus, 2010) com a violência psicológica a assumir um lugar de destaque como sendo o tipo de violência mais frequente (Duarte & Lima, 2006; Relatório anual de monitorização da violência doméstica, 2018).

No que concerne à hipótese 2: *A percepção da violência no namoro é mais prevalente em mulheres*, não foi confirmada no presente estudo, embora diversas investigações refiram que são as mulheres, quer heterossexuais (Blacket al. 2011; Straus, 2010; Tjaden & Thoennes, 2000) quer homossexuais (Edwards, 2015; McClennenetal., 2002; Merrill & Wolfe, 2000) aquelas que sofrem mais violência dentro de uma relação de namoro. No presente estudo, verificou-se que participantes do sexo masculino reportaram perpetrar e ser vítimas de significativamente mais violência, na dimensão coerção sexual. Este resultado, referente à perpetração, é corroborado por alguns estudos (Russel et al., 2017; Schatzel-Murphy, Harris, Knight & Milburn, 2009; Tharpet al., 2013) que referem que os homens são mais propensos a perpetrar mais coerção sexual (Brousseau, Hébert & Bergeron, 2012; Krahé & Berger, 2013). Relativamente à vitimização, também existem estudos (Bouffard, Bouffard & Miller, 2016; Eaton & Matala, 2014; Fernández-Fuertes, Carcedo, Orgaz & Fuertes, 2018; Fiebert & Tucci, 1998; Turchick, 2012) que encontraram resultados que vão de encontro ao obtido nesta investigação, apontando para uma maior perpetração de coerção sexual por parte das mulheres e, por conseguinte, uma maior vitimização sofrida pelos homens. Este resultado pode ser explicado tendo em conta a natureza jovem da amostra, sendo que alguns autores (Fiebert & Tucci, 1998) sugerem que indivíduos mais jovens tendem a ser possivelmente mais influenciáveis nas suas relações de namoro, comparativamente com os homens mais velhos; estes, presumivelmente, possuem mais experiência sendo menos influenciáveis dentro dos seus relacionamentos amorosos e, por conseguinte, tornam-se menos propensos a sofrer coerção sexual (Fiebert & Tucci, 1998).

No que diz respeito à hipótese 3: *A percepção da violência no namoro varia em função da idade, diminuindo à medida que a idade aumenta*, não foi confirmada, não existindo uma correlação significativa, quer na escala de perpetração quer na escala de

vitimização. Este resultado vai de encontro a diversos estudos que também não auferiram qualquer tipo de relação entre a idade e a percepção da violência na relação (Bartholomew, Regan, Oram, & White 2008; Chen & White, 2004; Houston & McKirnan, 2007; Nieves-Rosa et al., 2000). Esta ausência de resultados pode ser explicada não só pela reduzida amostra, como também pelo facto de existir uma reduzida amplitude de idades, o que não permitiu uma análise aprofundada tendo em conta a escassa diversidade de idades apresentadas pelos participantes deste estudo.

Por outro lado, tem-se verificado que diversos estudos (Caetano et al., 2005; Costa, Machado & Antunes, 2009; O'Leary, 1999; WHO, 2010) mencionam que é nos casais mais jovens que parecem existir as taxas mais altas de violência, sendo os indivíduos mais jovens aqueles que apresentam um maior risco de se tornarem vítimas ou perpetradores de violência no namoro (Anderson, 2002; Cunradi, 2007; Prospero, 2008). Esta relação pode dever-se ao facto de, com o avançar da idade e à medida que amadurecem, os casais adquirem técnicas de resolução de conflitos mais eficazes (Melander, Noel & Tyler, 2010).

No que concerne à hipótese 4: *A percepção da violência no namoro é menos frequente em indivíduos com elevado nível de escolaridade*, podemos afirmar que a hipótese foi confirmada apenas na escala de perpetração, e somente no que respeita ao tipo de violência abuso físico com sequelas, verificando-se que um nível superior de escolaridade está associado a uma menor frequência de perpetração deste tipo de abuso. A conclusão da presente investigação vai de encontro a resultados de outros estudos (Reichel, 2017; Relatório anual de monitorização da violência doméstica, 2018) que mencionam que os indivíduos com um nível superior de escolaridade são menos propensos a perpetrar violência na sua relação íntima. Também existem estudos (Drapkin et al., 2005; Melander, Noel & Tyler, 2010) que referem que baixos níveis de escolaridade estão relacionados com elevados níveis de perpetração e vitimização de violência nas relações (WHO, 2010) e que o facto de ambos os parceiros de uma relação apresentarem um baixo nível de escolaridade pode aumentar substancialmente a probabilidade de existir violência no relacionamento.

Relativamente à hipótese 5: *A percepção da violência no namoro é mais prevalente em indivíduos desempregados*, esta hipótese não foi confirmada, uma vez que não foram encontradas diferenças significativas na percepção da violência no namoro em função da situação profissional. No entanto, os inúmeros estudos evidenciam que são os homens e as mulheres desempregadas aqueles que sofrem mais violência nas

suas relações (e.g., Drijber, Reijnders & Ceelen, 2012; Fonseca & Lucas, 2006; Garcia et al., 2008; Kishor & Johnson, 2006; Swan & Snow, 2003) bem como indivíduos desempregados possuem 5 vezes mais probabilidade de se tornarem agressores (Cao, Yang, Wang & Zhang, 2014). Este resultado pode dever-se ao facto de a mulher ou o homem que se encontra desempregada/o pode encontrar-se ou tornar-se dependente financeiramente em relação ao outro membro do casal, facto este que pode favorecer a violência na relação e a permanência dentro da mesma. Uma explicação para a inexistência, no presente estudo, de diferenças significativas pode dever-se ao facto de poucos participantes nesta amostra se encontrarem desempregados, o que por si só tem uma grande influenciado na ausência de resultados obtidos ao nível desta comparação.

No que se refere à hipótese 6: *A percepção da violência no namoro é mais prevalente em indivíduos com um nível socioeconómico baixo*, não foram encontradas correlações estatisticamente significativas, quer na escala de vitimização quer na escala de perpetração, pelo que a hipótese não foi confirmada. Este resultado encontrado reproduz os estudos nacionais (Machado et al., 2009) bem como internacionais (e.g., Cyret et al., 2006; Flisher et al., 2007) que apontaram a falta de impacto desta variável, pelo menos no que diz respeito às relações mais jovens.

Contudo, por outro lado, alguns estudos (e.g., Brown & Bulanda, 2008; Drapkin et al., 2005; Machado et al., 2007; Reichel, 2017; WHO, 2010; Toland, Gorman-Smith & Henry, 2006) indicam uma maior prevalência da violência nos setores sociais mais desfavorecidos, havendo uma tendência para existir uma maior prevalência da violência entre os casais com um nível socioeconómico baixo. Uma vez que esta hipótese não foi confirmada, uma razão plausível e a ter em consideração para tal, deve-se ao facto de a amostra deste estudo não apresentar um número significativo de participantes com um nível socioeconómico baixo e por isso, não foi possível confirmar esta hipótese, não se obtendo qualquer tipo de resultado. Salienta-se também o facto de a maioria dos participantes se encontrar num nível socioeconómico médio.

Relativamente à hipótese 7: *A percepção da violência no namoro varia em função do tipo de relação*, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, quer na escala de perpetração quer na escala de vitimização, pelo que a hipótese não foi confirmada. No que se refere à literatura, os diversos estudos existentes apresentam resultados contraditórios. Por um lado, alguns estudos (e.g., Frieza, 2005; Jenkins & Aubé, 2002) encontraram padrões semelhantes de agressão psicológica, hostilidade e perpetração de agressão física em casais que se encontram a coabitar,

casados ou a namorar, resultado que é consistente com o que foi observado no presente estudo. Por outro lado, diversos estudos apontam a existência de diferenças ao nível da violência no namoro em função do estado civil. Assim, alguns autores (e.g., Brown & Bulanda, 2008; Brownridge & Halli, 2002; Melander, Noel, & Tyler, 2010) referem que são os casais coabitantes aqueles que apresentam maior probabilidade de perpetrar ou sofrer violência nas suas relações. Outros estudos referem que no caso das mulheres, as separadas ou divorciadas são as que evidenciam taxas de vitimização superiores (e.g., Hazenet al., 2004; Reichel, 2017; Rennison, 2001; Rennison & Rand, 2003). Como observado e referido anteriormente esta hipótese não foi confirmada e para tal devemos ter em consideração a amostra reduzida do presente estudo assim como a escassa diversificação em relação ao tipo de relação dos participantes, facto este que consequentemente impossibilitou a confirmação desta hipótese ou o alcance de algum tipo de resultado significativo.

No que diz respeito à hipótese 8: *A percepção do número de episódios de violência varia de acordo com a duração da relação, aumentando à medida que a relação é mais longa*, foi encontrada apenas uma correlação negativa estatisticamente significativa relacionada com a dimensão coerção sexual, quer na escala de perpetração quer na escala de vitimização. Deste modo, uma duração superior da relação mostrou estar associada com uma menor frequência deste tipo de violência, pelo que esta hipótese não foi confirmada. De facto, diversos estudos (e.g., Barreira, Lima & Avanci, 2013; Beserra et al., 2016; Caridade & Machado, 2006; Caridade, 2008) auferiram que a violência no namoro é proporcional à longevidade do mesmo, aumentando a agressão física e o número de episódios de violência psicológica à medida que a relação amorosa aumenta a sua durabilidade. Este facto dever-se-ia ao crescente conhecimento e confiança entre os parceiros, o que permitiria ao agressor recorrer a práticas abusivas (APAV, 2011; Goveret al., 2008; Luthra & Gidycz, 2006) simultaneamente, a maior duração da relação aumentaria a probabilidade de se manter quer o vínculo quer a relação, tendo em conta que os laços afetivos já se encontrariam consistentes, dificultando o término da relação (Caridade & Machado, 2006).

Tendo em conta que no presente estudo se verificou que a perpetração e vitimização da dimensão coerção sexual diminuía à medida que a relação era mais longa pode dever-se ao facto de uma maior duração da relação implica uma maior adaptação dos elementos do casal entre si. Esta maior adaptação levaria ao estabelecimento de limites nas situações em que um dos membros do casal os pudesse ultrapassar e, desta

forma, comportamentos menos aceitáveis poderiam ser lapidados e melhorados, levando a que a relação se tornasse mais saudável e também, por conseguinte, mais duradoura.

Conclusão

Em conclusão, na presente investigação foram encontradas diferenças na percepção da violência no namoro em função do género, da orientação sexual, das habilitações académicas e duração da relação.

No que concerne ao género, os resultados evidenciaram que participantes do sexo masculino reportaram perpetrar e ser vítimas de mais coerção sexual do que participantes do sexo feminino. Relativamente à orientação sexual, os resultados permitiram auferir que os participantes heterossexuais reportaram perpetrar mais agressão psicológica quando comparados com participantes homossexuais. No que se refere às habilitações académicas, auferiu-se que um nível superior de escolaridade está associado com uma menor frequência de perpetração de abuso físico com sequelas.

Relativamente à duração da relação, auferiu-se que à medida que a duração da relação aumentava, diminuía a perpetração e vitimização de coerção sexual.

A prevalência da violência nas relações de namoro é um problema que deve ser prevenido tendo em conta a crescente notificação de casos de violência independentemente do género, orientação sexual, idade entre outros. Importa ressaltar que, no nosso país, ainda que o estudo da violência no namoro entre a população homossexual seja escasso comparativamente a investigações internacionais, tem vindo a verificar-se um crescente aumento da preocupação no sentido de intervir e compreender a violência entre estas minorias sexuais.

Apesar das necessárias reservas na interpretação dos resultados obtidos, este estudo permitiu desvendar, para a população portuguesa, uma realidade que tem sido largamente ignorada quando abordado o tema da violência doméstica – a violência nas relações homossexuais – demonstrando a urgência de não restringir a abordagem deste tema às relações “tradicionais” (Antunes & Machado, 2005). Efectivamente, a prevalência encontrada para os actos abusivos estudados alerta-nos para a necessidade de maximizarmos a visibilidade deste fenómeno já que, tal como nos relacionamentos heterossexuais, também a população do mesmo sexo frequentemente recorre à violência como forma de lidar com os problemas da relação afectiva. Aliado a este facto, se considerarmos as dificuldades acrescidas com que gays e lésbicas vítimas de violência doméstica se deparam (e.g., a discriminação e homofobia social), percebemos que estas

vítimas necessitam de particular atenção e apoio. De facto, num contexto social preconceituoso, sem campanhas de informação adequadas ou serviços específicos, muitas vítimas de violência íntima não são sequer capazes de reconhecer as suas relações como abusivas (Nunan, 2004).

Contudo, espera-se que este estudo saliente, impulse e enfatize a necessidade, importância e urgência na realização de novos estudos e investigações acerca do fenómeno da violência, não só entre as populações heterossexuais como também e sobretudo entre a população homossexual, para futuramente prevenir a violência.

Não obstante todo o avanço que se tem vindo a registar nas diferentes investigações realizadas ao nível nacional e internacional neste domínio, e os eventuais contributos desta investigação para o aumento do conhecimento nesta área, urge continuar a apostar-se no desenvolvimento de muitas outras investigações relativas a este fenómeno de violência, que cada vez mais se encontra presente nos relacionamentos íntimos, camuflado de falso amor.

No que concerne às limitações do presente estudo, salienta-se em primeiro lugar o facto de a violência no namoro ter sido avaliada com base numa medida de autorelato dos participantes. Desta forma, e uma vez que havia a possibilidade de o participante não se encontrar numa relação no momento da resposta ao questionário, teria que se basear em relacionamentos anteriores, podendo não se recordar detalhadamente dos acontecimentos referentes à perceção da violência nesses relacionamentos, comprometendo assim as suas respostas. Pode também considerar-se o facto de o questionário ser considerado por alguns participantes como um pouco agressivo, o que pode ter condicionado também a honestidade nas suas respostas.

Salienta-se ainda a reduzida dimensão da amostra, o que levou à existência de alguma homogeneidade ao nível das suas características, nomeadamente no que concerne à idade dos participantes, uma vez que mais de metade dos participantes apresentava uma idade até aos 30 anos, existindo por isso uma amplitude de idades reduzida, o mesmo se pode referir acerca da situação profissional e do nível socioeconómico.

Outra limitação importante, foi o facto de termos referido, na presente investigação, uma definição mais abrangente de “namoro”, a qual permitiu englobar todas as diferentes formas de relação.

É também importante referir que, devido à enorme dificuldade de acesso à população homossexual, a amostra utilizada é reduzida e não representativa. Na

verdade, quase todos os participantes deste estudo pertencem a alguma organização homossexual, representando uma minoria particularmente activa, consciente e informada, que não corresponde ao todo da população homossexual, “escondida” da homofobia social. Finalmente, uma outra limitação prende-se com a falta de controlo sobre o contexto de preenchimento do instrumento. Com efeito, poderá ter acontecido que algumas vítimas ocultassem comportamentos violentos devido à pressão dos parceiros ou com medo de represálias por parte destes. Do mesmo modo, embora o questionário fosse anónimo e confidencial, alguns agressores podem ter omitido condutas violentas por não interpretarem os seus actos como abusivos (e.g., violência sexual) ou pela desejabilidade social inerente ao tema.

Detendo em consideração estas limitações, para estudos futuros, sugere-se o substancial aumento da dimensão da amostra, para que assim seja possível a realização de outros tipos de análises, e para que os resultados obtidos possam ser generalizados. Sugere-se também a recolha de dados junto da população previamente identificada e caracterizada como tendo sofrido ou perpetrado algum episódio de violência num relacionamento íntimo no decurso da sua vida. Como estudo futuro, sugere-se que exista igualmente um foco de estudo somente num tipo de relação em específico, seja ele um namoro propriamente dito, seja uma relação de casados ou uma relação de união de facto. Pode também no futuro, realizar-se um estudo que incira o seu foco nas diferenças existentes acerca da violência no namoro entre a população homossexual e a população heterossexual no sentido de compreendermos se a violência é praticada da mesma forma quer pelos casais homossexuais quer pelos casais heterossexuais.

Pode, no futuro, analisar-se os tipos de abuso de acordo com a sua severidade. Relativamente ao questionário utilizado no presente estudo, há várias formas de cotação para o tipo de ocorrência, o qual inclui quatro versões de itens a considerar: P – prevalência no último ano; E – prevalência ao longo da vida; Y – frequência no último ano; C – cronicidade no último ano. Devido à dimensão e características da amostra no presente estudo, optou-se pela análise da prevalência ao longo da vida (E). Assim, seria interessante que estudos futuros focassem a percepção da violência de acordo com outras formas de cotação. Torna-se imprescindível o investimento em estudos futuros sobre este objecto, não só quantitativos mas também qualitativos, que contemplem uma amostra mais alargada e representativa da população homossexual portuguesa. Este alargamento da amostra permitirá, no plano quantitativo, adquirir mais certezas sobre as taxas de prevalência reais entre esta população, clarificando as discrepâncias entre este

estudo e o de Antunes e Machado (2005). Por outro lado, o desenvolvimento de uma abordagem qualitativa a este assunto permitirá compreender os significados, motivos e contextos da violência, experienciada e perpetrada, que por gays e lésbicas, o que levará a uma crescente (e necessária) visibilidade deste fenómeno.

Seria importante analisar também, em estudos futuros, as diferenças na perceção da violência entre os indivíduos LGBT e entre homens e mulheres heterossexuais, no sentido de perceber possíveis diferenças entre grupos. Seria igualmente importante incluir indivíduos bissexuais, para assim se proceder a uma análise mais completa da prevalência da violência entre os indivíduos LGBT. Assim, seria interessante clarificar as diferenças de género em matéria de violência no namoro, bem como o impacto que este tipo de abuso poderá ter nos diferentes intervenientes. Seria igualmente importante o desenvolvimento de outros estudos que contemplassem a questão das motivações, crenças, atitudes e contextos em que ocorre a violência para melhor se intervir e, posteriormente, prevenir este fenómeno promovendo e desenvolvendo competências para gerir situações de violência e promover relações saudáveis.

Referências Bibliográficas

- Aleshire, M. (2016). Sexual Orientation, Gender Identity, and Gender Expression: What Are They?. *The Journal for Nurse Practitioners*, 12(7), e329-e330.
- Alexander, C. J. (2002). Violence in gay and lesbian relationships. *Journal of Gay and Lesbian Social Services*, 14, 95–98. doi:10.1300/J041v14n01_06.
- American Psychological Association. (2008). Sexual orientation and homosexuality. Washington. Disponível em: <http://www.apa.org/helpcenter/sexual-orientation.aspx>.
- Anaconda, C. A. (2008). Prevalencia, factores de riesgo y problemáticas asociadas con la violencia en el noviazgo: una revisión de la literatura. *Avances en Psicología Latino-americana*, 26, 227-241.
- Anderson, K. L. (2008). Is partner violence worse in the context of control? *Journal of Marriage & Family*, 70, 1157-1168.
- Antunes, J., & Machado, C., (2012). Violência nas relações íntimas ocasionais de uma amostra estudantil. *Análise Psicológica*, 30(1-2), 93-107.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2011). Manual Crianças e Jovens vítimas de violência: compreender, intervir e prevenir. In APAV (Ed.), *Violência no Namoro* (pp. 85-107). Lisboa: APAV

- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (2014). Violência no Namoro. Disponível em <http://www.apavparajovens.pt>
- Bailey, G. R., Jr. (1996). Treatment of domestic violence in gay and lesbian relationships. *Journal of Psychological Practice*, 2, 1-8.
- Baker, N. L., Buick, J. D., Kim, S. R., Moniz, S., & Nava, K. L. (2013). Lessons from examining same-sex intimate partner violence. *Sex Roles*, 69, 182-192.
- Balsam, K. F., Rothblum, E. D., & Beauchaine, T. P. (2005). Victimization over the life span: A comparison of lesbian, gay, bisexual, and heterosexual siblings. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 73, 477-487. doi:10.1037/0022-006X.73.3.477.
- Balsam, K. F., & Szymanski, D. M. (2005). Relationship quality and domestic violence in women's same-sex relationships: the role of minority stress. *Psychology of Women Quarterly*, 29, 258-269. doi: 10.1111/j.1471-6402.2005.00220.x.
- Barros, S. (2014). *Violência nas relações de namoro juvenis e ideação e comportamentos suicidas*. (Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto).
- Barreira, A. K., Lima, M. L. C., Avanci, J. Q. (s.d). Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do Recife, Brasil: prevalência e fatores associados.
- Bartholomew, K., Regan, K. V., White, M. A., & Oram, D. (2008). Patterns of abuse in male same-sex relationships. *Violence and Victims*, 23(5), 617-636.
- Bernhard, L. A. (2000). Physical and sexual violence experienced by lesbian and heterosexual women. *Violence Against Women*, 6, 68-79.
- Beserra, M. A., Leitão, M. N. C., Fabião, J. A. S. A. O., Dixe, M. A. C. R., Veríssimo, C. M. F., & Ferriani, M. G. C. (2016). Prevalence and Characteristics of dating violence among school-aged adolescents in Portugal, *Esc Anna Nery*, 20(1), 183-191.
- Bimbi, D., Palmadessa, N., & Parsons, J. (2008). Substance use and violence among urban gays, lesbians and bisexuals. *Journal of LGBT Health Research*, 3(2), 1-7.
- Black, M. C., Basile, K. C., Breiding, M. J., Smith, S. G., Walters, M. L., Merrick, M. T.
- Blasko, K. A., Winek, J. L., & Bieschke, K. J. (2007). Therapists' prototypical assessment of domestic violence. *Journal of Marital and Family Therapy*, 33, 258-269. doi:10.1111/j.1752-0606.2007.00020.x

- Bouffard, J. A., Bouffard, L. A., & Miller, H. A. (2016). Examining the correlates of women's use of sexual coercion: Proposing an explanatory model. *Journal of Interpersonal Violence, 31*, 2360-2382.
- Bowen, E., & Nowinski, S. N. (2012). Partner violence against heterosexual and gay men: Prevalence and correlates. *Aggression and Violent Behavior, 17*(1), 36-52.
- Brand, P. & Kidd, A. (1986). Frequency of physical aggression in heterosexual and female homosexual dyads. *Psychological Reports, 59*, 1307-1313.
- Brown, S. L., & Bulanda, J. R. (2008). Relationship violence in young adulthood: A comparison of daters, cohabitators, and marrieds. *Social Science Research, 37*, 73-87.
- Busch, A. L., & Rosenberg, M. S. (2004). Comparing women and men arrested for domestic violence: A preliminary report. *Journal Of Family Violence, 19*, 49-57.
- Caetano, R., Vaeth, P., & Ramisetty-Mikler, S. (2008). Intimate Partner Violence Victim and Perpetrator Characteristics Among Couples in the United States. *Journal of Family Violence, 23*(6), 507-518.
- Cao, Y., Yang, S., Wang, G., & Zhang, Y. (2014). Sociodemographic Characteristics of Domestic Violence in China. *Journal of Interpersonal Violence, 29*(4), 683-706.
- Capaldi, D., & Owen, L. D. (2001). Physical aggression in a community sample of at-risk young couples: Gender comparisons for high frequency, injury, and fear. *Journal of Family Psychology, 15*, 425-440.
- Caridade, S. (2008). *Violência nas relações de intimidade: Comportamentos e atitudes dos jovens*. (Tese de Doutorado, Minho: Universidade do Minho).
- Caridade, S. & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica, 24*(4), 85-493.
- Carvalho, A. F., Lewis, R. J., Derlega, V. J., Winstead, B. A., & Vigiano, C. (2011). Internalized Sexual Minority Stressors and Same-Sex Intimate Partner Violence. *Journal of Family Violence, 26*, 501-509.
- Chen, P., & White, H. R. (2004). Gender differences in adolescent and young adult predictors of later intimate partner violence: A prospective study. *Violence Against Women, 10*(11), 1283-1301.
- Conrad, P., & Angell, A. (2007). Homosexuality and remedicalization. *Society, 41*(5), 32-39.

- Costa, L. G., Machado, C., & Antunes, R. (2009). Violência nas relações homossexuais: A face oculta da agressão na intimidade. Projeto Financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. Universidade do Minho
- Craft, S. M., & Serovich, J. M. (2005). Family-of-origin factors and partner violence in the intimate relationships of gay men who are HIV positive. *Journal of Interpersonal Violence*, 20, 777–791.
- Craft, S. M., Serovich, J. M., McKenry, P. C., Lim, J. (2008). Stress, Attachment Style, and Partner Violence Among Same-Sex Couples. *Journal of GLBT FamilyStudies*, 4(1), 57-73, DOI: 10.1080/15504280802084456
- Cristóvão, C. M. (2012). *Quanto mais me bates mais gosto de ti - Um estudo exploratório sobre a violencia no namoro*. (Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. Lisboa).
- Cruz, J. M. (2003). “Why doesn’t he leave?”: Gay male domestic violence and the reasons victims stay. *Journal of Men’s Studies*, 11, 309–323.
- Cunradi, C. B. (2007). Drinking level, neighborhood social disorder, and mutual intimate partener violence. *Alcoholism: Clinical & Experimental Research*, 31, 1012-1019.
- Cunradi, C. B., Todd, M., & Duke, M. (2009). Problem drinking, unemployment, and intimate partner violence among a sample of construction industry workers and their partners. *Journal of Family Violence*, 24(2), 63–74.
- Cyr, M., McDuff, P., & Wright, J. (2006). Prevalence and predictors of dating violence among adolescent female victims of child sexual abuse. *Journal of Interpersonal Violence*, 21, 1000-1017.
- Dank, M., Lachman, P., Zweig, J.; Yahner, J. (2013). “Dating Violence Experiences of Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Youth”, *Journal of Youth Adolescence*, 3(5), 846-57.
- DiLillo, D., Giuffre, D., Tremblay, G. C., & Peterson, L. (2001). A closer look at the nature of intimate partner violence reported by women with a history of child sexual abuse. *Journal of Interpersonal Violence*, 16, 116-132
- Drapkin, M. L., McCrady, B. S., Swingle, J. M., & Epstein, E. E. (2005). Exploring bidirectional couple violence in a clinical sample of female alcoholics. *Journal of Studies on Alcohol*, 66, 213-219.

- Drijber, B., Reijnders, U., & Ceelen, M. (2012). Male Victims of Domestic Violence. *Journal of Family Violence*, 28(2), 173-178.
- Duarte, A. P., & Lima, M. L. (2006). Prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro de jovens estudantes portugueses. *Psycologia*, 43, 105-124.
- Duke, A., & Davidson, M. M. (2009). Same-sex intimate partner violence: Lesbian, gay, and bisexual affirmative outreach and advocacy. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 18, 795–816. doi:[10.1080/10926770903291787](https://doi.org/10.1080/10926770903291787).
- Eaton, A. A., & Matamala, A. (2014). The relationship between heteronormative beliefs and verbal sexual coercion in college students. *Archives of Sexual Behavior*, 43, 1443-1457.
- Eaton, L., Kaufman, M., Fuhrel, A., Cain, D., Cherry, C., Pope, H., & Kalichman, S. C. (2008). Examining factors co-existing with interpersonal violence in lesbian relationships. *Journal of Family Violence*, 23, 697–705. doi:[10.1007/s10896-008-9194-3](https://doi.org/10.1007/s10896-008-9194-3).
- Edwards, K. M., Sylaska, K. M., & Neal, A. M. (2015). Intimate Partner Violence Among Sexual Minority Populations: A Critical Review of the Literature and Agenda for Future Research. *Psychology of Violence*, 5(2), 112-121.
- Fang, X., & Corso, P. S. (2008). Gender differences in the connections between violence experienced as a child and perpetration of intimate partner violence. *Journal of family violence*, 23(5), 303-313
- Feldman, M. B., Ream, G. L., Díaz, R. M., & El-Bassel, N. (2008). Intimate partner violence and HIV sexual risk behavior among Latino gay and bisexual men: The role of situational factors. *Journal of LGBT Health Research*, 3, 75– 87.
- Fernández-Fuertes, A., Carcedo, R., Orgaz, B., & Fuertes, A. (2018). Sexual Coercion Perpetration and Victimization: Gender Similarities and Differences in Adolescence. *Journal of Interpersonal Violence*, 33(16), 2467-2485.
- Fiebert, M. (2009). References Examining Assaults by Women on Their Spouses or Male Partners: An Annotated Bibliography. *Sexuality and Culture*, 14(1), 49-91.
- Fiebert, M., & Tucci, L. (1998). Sexual Coercion: Men Victimized by Women. *The Journal of Men's Studies*, 6(2), 127-133.
- Fonseca, P. M., & Lucas, T. N. S. (2006). Violência doméstica contra a mulher e suas consequências psicológicas. Curso de Graduação em Psicologia. Fundação Bahiana para o desenvolvimento das Ciências, Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Brasil.

- Frankland, A., & Brown, J. (2010). Coercive Control in Same-Sex Intimate Partner Violence. *Journal of Family Violence*, 29, 15-22.
- Freedner, N., Freed, L. H., Yang, Y. W., & Austin, S. B. (2002). Dating violence among gay, lesbian, and bisexual adolescents: results from a community survey. *Journal of Adolescent Health*, 31, 469–474.
- Frias, S. M., & Angel, R. J. (2005). The risk of partner violence among low-income Hispanic sub-groups. *Journal of Marriage & Family*, 67, 552-564.
- Garcia, M.V., Ribeiro, L. A., Jorge, M. T., Pereira, G. R., & Resende, A. P. (2008). Caracterização dos casos de violência contra a mulher atendidos em três serviços na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, (24), 2551-2563.
- Gardner, R. (1989). *Method of conflict resolution and characteristics of abuse and victimization in heterosexual, lesbian, and gay male couples*. (Doctoral dissertation, University of Georgia, 1989). Dissertation Abstracts International, 50(2B), 746.
- Gelles, R. (1997). *Intimate violence in families*. California: Sage Publications.
- Gil-Gonzales, D., Vives-Cases, C., Ruiz, M. T., Carrasco-Portino, M., & Álvarez-Dardet, C. (2007). Childhood experiences of violence in perpetrators as a risk factor of intimate partner violence: A systematic review. *Journal of Public Health*, 30, 14-22.
- Gover, A., Kaukinen, C., & Fox, K., (2008). The relationship between violence in the family of origin and dating violence among college students. *Journal of Interpersonal Violence*, 23(12), 1667-1693.
- Greenwood, G. L., Relf, M. V., Huang, B., Pollack, L. M., Canchola, J. A., & Catania, J. A. (2002). Battering victimization among a probability-based sample of men who have sex with men. *American Journal of Public Health*, 92(12), 1964–1969.
- Gomes, N. P., Dinis, N. M. F., Araújo, A. J. S. & Coelho, M. F. (2007). Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias gênero e geração. *In: Acta Paulista de Enfermagem*, 20 (4), pp. 504-508.
- Hassounah, D., & Glass, N. (2008). The influence of gender role stereotyping on women's experiences of female same-sex intimate partner violence. *Violence Against Women*, 14, 310–325. doi:[10.1177/1077801207313734](https://doi.org/10.1177/1077801207313734).

- Hequembourg, A., Parks, K., & Vetter, C. (2008). Sexual identity and gender differences in substance use and violence: an exploratory study. *Journal of LGBT Issues in Counseling*, 2, 174–198.
- Herek, G. M., Gillis, J. R., & Cogan, J. C. (1999). Psychological sequelae of hate-crime victimization among lesbian, gay, and bisexual adults. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 67, 945–951. doi:10.1037/0022-006X.67.6.945
- Hickman, L. J., Jaycox, L. H., & Aronoff, J. (2004). Dating violence among adolescents: Prevalence, gender distribution, and prevention program effectiveness. *Trauma, Violence & Abuse*, 5, 123-142.
- Houston, E., & McKirnan, D. J. (2007). Intimate partner abuse among gay and bisexual men: Risk correlates and health consequences. *Journal of Urban Health*, 84(5), 681–690.
- Island, D., & Letellier, P. (1991). *Men who beat the men who love them: Battered gay men and domestic violence*. Binghamton, NY: Harrington Park Press.
- Johnson, M. P., & Ferraro, K. J. (2000). Research on domestic violence in the 1990s: Making distinctions. *Journal of Marriage & Family*, 62, 948-963.
- Kay, M., & Jeffries, S. (2010). Homophobia, heteronormativism and hegemonic masculinity: Male same-sex intimate violence from the perspective of Brisbane service providers. *Psychiatry, Psychology and Law*, 17, 412–423.
- Kelly, E., & Warshafsky, L. (1987). Partner abuse in gay male and lesbian couples.
- Kernsmith, P. (2006). Gender Differences in the Impact of Family of Origin Violence on Perpetrators of Domestic Violence. *Journal of Family Violence*, 21(2), 163-171.
- Kishor, S., & Johnson, K. (2006). Reproductive health and domestic violence: Are the poorest women uniquely disadvantaged? *Demography*, 43, 293-307.
- Knauer, N. J. (2011). *Gay and lesbian elders: History, law, and identity politics in the United States*. Burlington: Ashgate.
- Paper presented at the Third National Conference of Family Violence Researchers, Durham, NH.
- Lacasse, A., & Mendelson, M. (2007). Sexual Coercion Among Adolescents. *Journal of Interpersonal Violence*, 22(4), 424-437.
- Lamoglia, C.V. A., & Minayo, M.C.S. (2009). Violência conjugal, um problema social e de saúde publica: Estudo em uma delegacia do interior do Rio de Janeiro. *Ciência & Saúde Coletiva*, (14)595-604.

- Landolt, M. A., & Dutton, D. G. (1997). Power and personality: An analysis of gay male intimate abuse. *Sex Roles*, 37, 335–359. doi:[10.1023/A:1025649306193](https://doi.org/10.1023/A:1025649306193).
- Lie, G. & Gentlewarrior, S. (1991). Intimate violence in lesbian relationships: Discussion of survey findings and practice implications. *Journal of Social Service Research*, 15, 41-59.
- Lie, G., Schilit, R., Bush, J., Montagne, M., & Reyes, L. (1991). Lesbians in currently aggressive relationships: How frequently do they report aggressive past relationships?. *Violence and Victims*, 6, 121–135.
- Lockhart, L. L., White, B.W., Causby, V., & Isaac, A. (1994). Letting out the secret: violence in lesbian relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, 9(4), 469–492
- Lown, E A., & Vega, A. V. (2001). Intimate partner violence and health: Self-assessed health, chronic health and somatic symptoms among Mexican American women. *Psychosomatic Medicine*, 63, 352-360.
- Luthra, R. & Gidycz, C. (2006). Dating violence among college men and women: Evaluation of a theoretical model. *Journal of Interpersonal Violence*, 21, 717-731. doi: 10.1177/0886260506287312
- Machado, L. M. (2010). *Crenças e representações sociais dos adolescentes sobre a violência interpessoal*. (Dissertação de Mestrado em Psicologia. Porto: Universidade Fernando Pessoa).
- Machado, C., & Antunes, R. (2005). Dupla invisibilidade: A violência nas relações homossexuais. *Psychologica*, 39, 167-187.
- Machado, C., & Antunes, J. (2012). Violência nas relações íntimas ocasionais numa amostra estudantil. *Análise Psicológica*, 3 (1-2), 93-107.
- Machado, C., Caridade, S., & Martins, C. (2009). Violence in Juvenile Dating Relationships Self-Reported Prevalence and Attitudes in a Portuguese Sample. *Journal of Family Violence*, 25, 43-52.
- Machado, T., Macieira, I., & Carreiras, M. (2010). Violência nas relações de namoro: influência de crenças e área de formação. *Psicologia Educação e Cultura*, 14(2), 355-372
- Madera, S. R., & Toro-Alfonso, J. (2005). Description of a domestic violence measure for Puerto Rican gay males. *Journal of Homosexuality*, 50, 155-173.
- Makepeace, J. (1981). Courtship violence among college students. *Family Relations*, 30, 97-102.

- Malcoe, L., Duran, B., & Montgomery, J. (2004). Socioeconomic disparities in intimate partner violence against Native American women: a cross-sectional study. *BMC Medicine*, 2(1), 1-14.
- Matias, D. (2007). Psicologia e orientação sexual: realidades em transformação. *Análise Psicológica*, 1(25), 149-152
- McClennen, J. (2005). Domestic violence between same-gender partners: Recent findings and future research. *Journal of Interpersonal Violence*, 20, 149–154. doi:[10.1177/0886260504268762](https://doi.org/10.1177/0886260504268762).
- McKenry, P. C., Serovich, J. M., Mason, T. L., & Mosack, K. (2006). Perpetration of gay and lesbian partner violence: A disempowerment perspective. *Journal of Family Violence*, 21, 233–243.
- McLaughlin, E., & Rozee, P. (2001). Knowledge about heterosexual versus lesbian battering among lesbians. In E. Kaschak (Ed.), *Intimate betrayal: Domestic violence in lesbian relationships*. New York: Hawthorne Press.
- Melander, L., Noel, H., & Tyler, K. (2010). Bidirectional, Unidirectional, and Nonviolence: A Comparison of the Predictors Among Partnered Young Adults. *Violence and Victims*, 25(5), 617-630.
- Merrill, G. S., & Wolfe, V. A. (2000). Battered gay men: An exploration of abuse, help seeking, and why they stay. *Journal of Homosexuality*, 39(2), 1–30.
- Messinger, A. M. (2011). Invisible victims: Same-sex IPV in the National Violence Against Women Survey. *Journal of Interpersonal Violence*, 26, 2228–2243. <http://dx.doi.org/10.1177/0886260510383023>
- Ministério da Administração Interna. (2019). *Relatório anual de monitorização da violência doméstica*. Disponível em: https://www.sg.mai.gov.pt/Noticias/Documents/RelVD_2018.pdf
- Mirrlees-Black, C. (1999). Domestic violence: Findings from a new British Crime Survey self completion questionnaire.
- Morrison, T. G., Mcleod, L. D., Morrison, M. A., Anderson, D & O'Connor, W. E. (1997). Gender stereotyping, homonegativity, and misconceptions about sexually coercive behavior among adolescents. *Youth and Society*, 28, 351-382
- Murray, C. E. & Kardatzke, K. N. (2007). Dating Violence Among College Students: Key Issues for College Counselors. *Journal of College Counseling*, 10, 79-89

- Murray, C., Mobley, A., Buford, A., & Seaman-DeJohn, M. (2006). Same-sex intimate partner violence: dynamics, social context, and counseling implications. *Journal of LGBT Issues in Counseling*, 1(4), 7–30.
- Murray, C. E., & Mobley, A. (2009). Empirical research about same-sex intimate partner violence: a methodological review. *Journal of Homosexuality*, 56, 361–386. doi:[10.1080/00918360902728848](https://doi.org/10.1080/00918360902728848).
- National Coalition of Anti-Violence Programs. (2002). *Lesbian, gay, bisexual, and transgender domestic violence* (Preliminary Edition). New York: Author.
- Nieves-Rosa, L. E., Carballo-Diéguez, A., & Dolezal, C. (2000). Domestic abuse and HIV risk behaviour in Latin American men who have sex with men in New York City. *Journal of Gay and Lesbian Social Services*, 11(1), 77–90, doi:[10.1300/J041v11n01_04](https://doi.org/10.1300/J041v11n01_04).
- Nunan, A. (2004). Violência doméstica entre casais homossexuais: O segundo armário? *PSICO*, 35, 69-78.
- Offenhauer, P., & Buchalter, A. (2011). *Teen Dating Violence: A Literature Review and Annotated Bibliography*. Washington: Library of Congress - Federal Research Division.
- O’Leary, K. D., Barling, J., Arias, I., Rosenbaum, A., Malone, J., & Tyree, A. (1989). Prevalence and stability of physical aggression between spouses: a longitudinal analysis. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 57(2), 263-268
- OMS. (2002). *Rapport mondial sur la violence et la santé*. Genève: World Health Organization.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2003). Abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: definição, prevalência, causas e efeitos. *Psicologia, saúde & doenças*, 4 (2), 165-184.
- Palma, Y. A., & Levandowski, D. C. (2008) Vivências pessoais e familiares de homossexuais femininas. *Psicologia em Estudo*, 13 (4), 771-779.
- Parish, W. L., Wang, T., Laumann, E., Pan, S., & Luo, Y. (2004). Intimate partner violence in China: National prevalence, risk factors and associated health problems. *International Family Planning Perspectives*, 30, 174-181.
- Paul, G., Smith, S., & Long, J. (2006). Experience of intimate partner violence among women and men attending general practices in Dublin, Ireland: A cross-sectional survey. *The European Journal of General Practice*, 12(2), 66–69, doi: [10.1080/13814780600757344](https://doi.org/10.1080/13814780600757344).

- Pilkington, N. W., & D'Augelli, A. R. (1995). Victimization of lesbian, gay, and bisexual youth in community settings. *Journal of Community Psychology*, 23, 34–56.
- Poorman, P. B., Seelau, E. P., & Seelau, S. M. (2003). Perceptions of domestic abuse in same-sex relationships and implications for criminal justice and mental health responses. *Violence and Victims*, 18, 659-669. doi:10.1891/vivi.2003.18.6.659
- Pournaghash-Tehrani, S., & Feizabadi, Z. (2007). Comparing demographic characteristics of male victim of domestic violence. *Journal of Applied Sciences*, 7(14), 1930–1935.
- Potoczniak, M. J., Mourot, J. E., Crosbie-Burnett, M., & Potoczniak, D. J. (2003). Legal and psychological perspectives on same-sex domestic violence: a multisystemic approach. *Journal of Family Violence*, 17, 252–259. doi:10.1037/0893-3200.17.2.252.
- Prospero, M. (2008). The effect of coercion on aggression and mental health among reciprocally violent couples. *Journal of Family Violence*, 23, 195-401.
- Reichel, D. (2017). Determinants of Intimate Partner Violence in Europe: The Role of Socioeconomic Status, Inequality, and Partner Behavior. *Journal of Interpersonal Violence*, 32(12), 1853-1873.
- Renzetti, C. (1992). Violent betrayal: partner abuse in lesbian relationships. Newbury Park: Sage.
- Renzetti, C. (1998). Violence and abuse in lesbian relationships. Theoretical and empirical issues. In R. Bergen (Ed.), *Issues in intimate violence*, (117-127). California: Sage Publications.
- Renner, L. M., & Whitney, S. D. (2012). Risk factors for unidirectional and bidirectional intimate partner violence among young adults. *Child Abuse and Neglect*, 36(1), 40–52. doi:10.1016/j.chiabu.2011.07.007.
- Ristock, J. (2005). Relationship violence in Lesbian/Gay/Bisexual/ Transgender/Queer [LGBTQ] communities: Moving beyond a gender-based framework. Violence Against Women Online Resources, University of Minnesota. Retrieved from <http://www.mincava.umn.edu/documents/lgbtqvioence/lgbtqvioence.pdf>.
- Robertson, K., & Murachver, T. (2007). Correlates of partner violence for incarcerated women and men. *Journal of Interpersonal Violence*, 22, 639-655.
- Russell, S. T., Everett, B. G., Rosario, M., & Birkett, M. (2014). Indicators of victimization and sexual orientation among adolescents: Analyses from youth

- risk behavior surveys. *American Journal of Public Health*, 104, 255–261.
doi:10.2105/AJPH.2013.301493
- Russel, T.D., Doan, C.M., & King, A. R. (2017). Sexually violent women: The PID-5, every sadism, and adversarial sexual attitudes predict female sexual aggression and coercion against male victims. *Personality and Individual Differences*, 111, 242-249
- Schatzel-Murphy, E. A., Harris, D. A., Knight, R. A., Milburn, M. A. (2009). Sexual coercion in men and women: Similar behaviors, different predictors. *Archives of Sexual Behavior*, 38, 974-986.
- Secretaria Geral da Administração Interna. (2015). Violência Doméstica-Relatório Anual de monitorização. Lisboa
- Seow, E., & Foo, C. L. (2006). A profile of male domestic violence victims presenting to an emergency department in Singapore. *Journal of Emergency Medicine*, 13(4), 212–216.
- Spitzer, R. (1981). The diagnostic status of homosexuality in DSM-III: A reformulation of the issues. *The American Journal of Psychiatry*, 138(2), 210–215.
- Stanley, J. L., Bartholomew, K., Taylor, T., Oram, D., & Landolt, M. (2006). Intimate violence in male same-sex relationships. *Journal of Family Violence*, 21, 31–41.
doi:10.1007/s10896-005-9008-9.
- Stevens, M. R. (2011). The National Intimate Partner and Sexual Violence Survey (NISVS): 2010 summary report. Atlanta, GA: National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease Control and Prevention.
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S. & Sugarman, D. B. (1996). The Revised Conflict Tactics Scales (CTS2): Development and preliminary psychometric data. *Journal of Family Issues*, 17, 283-316
- Straus, M. A., & Sweet, S. (1992). Verbal/Symbolic aggression in couples: Incidence rates and relationships to personal characteristics. *Journal of Marriage and the Family*, 54, 346-357.
- Straus, M. A. (2010). Thirty years of denying the evidence on gender symmetry in partner violence: Implications for prevention and treatment. *Partner Abuse*, 1, 332–362. doi:10.1891/1946-6560.1.3.332.
- Straus, M. A. (2004). Prevalence of Violence Against Dating Partners by Male and Female University Students Worldwide. *Violence against women*, 10,(7), 790-811.

- Sugarman, D. B. & Hotaling, G. T. (1989). Dating Violence: Prevalence, context and risk markers. Pp 3-32
- Swan, S C., & Snow, D. L. (2003). Behavioral and psychological differences among abused women who use violence in intimate relationships. *Violence Against Women*, 9(1), 75-109.
- Tharp, A. T., DeGue, S., Valle, L. A., Brookmeyer, K. A., Massetti, G. M., & Matjasko, J. L. (2013). A systematic qualitative review of risk and protective factors for sexual violence perpetration. *Trauma, Violence, & Abuse*, 14, 133-167.
- Tjaden, P., & Thoennes, N. (2000a). Extent, nature, and consequences of intimate partner violence: Findings from the National Violence Against Women Survey. Washington, DC: U.S Department of Justice, National Institute of Justice. Retrieved October 28, 2005 from <http://www.ncjrs.org/pdffiles1/nij/181867.pdf>.
- Tjaden, P., & Thoennes, N. (2000b). Prevalence and consequences of male-to-female and female-to-male intimate partner violence as measured by the National Violence against Women Survey. *Violence Against Women*, 6, 142–161.
- Toland, P C., Gorman-Smith, D., & Henry, D. (2006). Family violence. *Annual Review of Psychology*, 57, 557-583.
- Turchick, J. A. (2012). Sexual victimization among male college students: Assault severity, sexual functioning, and health risk behaviors. *Psychology of Men & Masculinity*, 13, 243-255.
- Turrell, S. C. (2000). A descriptive analysis of same-sex relationship violence for a diverse sample. *Journal of Family Violence*, 15(3), 281–293.
- Vagi, K. J., Rothman, E. F., Latzman, N. E., Tharp, A. T., Hall, D. M., & Breiding, M. J. (2013). Beyond Correlates: A Review of Risk and Protective Factors for Adolescent Dating Violence Perpetration. *Journal of Youth and Adolescent, A Multidisciplinary Research Publication*, 42 (4), 633-649.
- Waldner-Haugrud, L. K., Gratch, L. V., & Magruder, B. (1997). Victimization and perpetration rates of violence in gay and lesbian relationships: Gender issues explored. *Violence and Victims*, 12(2), 173-184.
- Walters, M. L., Chen, J., & Breiding, M. J. (2013). *The National Intimate Partner and Sexual Violence Survey (NISVS): 2010 findings on victimization by sexual orientation*. Atlanta, GA: National Center for Injury Prevention and Control.
- Waterman, C. K., Dawson, L. J., & Bologna, M. J. (1989). Sexual coercion in gay male

- and lesbian relationships: predictors and implications for support services. *Journal of Sex Research*, 26, 118-124.
- Werner, N. E., & Nixon, C. L. (2005). Normative beliefs and relational aggression: An investigation of the cognitive bases of adolescent aggressive behavior. *Journal of Youth and Adolescence*, 34, 229–243. doi:10.1007/s10964-005-4306-3
- Whitaker, D. J., Haileyesus, T., Swahn, M., & Saltzman, L. S. (2007). Differences in frequency of violence and reported injury between relationships with reciprocal and nonreciprocal intimate partner violence. *American Journal of Public Health*, 97, 941-947.
- White, J. W. (2009). A Gender Approach to Adolescent Dating Violence: Conceptual and Methodological Issues. *Psychology of Women Quarterly*, 33, 1-15
- White, J. W., & Koss, M. P. (1991). Courtship violence: incidence in a national sample of higher education students. *Violence and Victims*, 6, 247-256.
- Williams, S., & Frieze, I. H. (2005). Patterns of violent relationships, psychological distress, and marital satisfaction in a national sample of men and women. *Sex Roles*, 52, 771-784.
- World Health Organization. (2010). *Preventing intimate partner and sexual violence against women: Taking action and generating evidence*. Geneva, Switzerland. Retirado em:
https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44350/9789275716359_por.pdf;jsessionid=EBAE5003FC0D3DF54322E5E6CC59F6E8?sequence=3

ANEXO I

QUESTIONÁRIO SÓCIODEMOGRÁFICO

Questionário Sócio-Demográfico

No âmbito da realização da dissertação de mestrado do 2.º ciclo em Psicologia da Educação, agradeço a sua colaboração na participação do presente estudo intitulado “Perceção dos jovens adultos sobre a violência no namoro: estudo das diferenças”. É garantido o anonimato e a confidencialidade. A confidencialidade de toda a informação será assegurada.

Dados Sócio-Demográficos:

Sexo:

Masculino ☐

Feminino ☐

Orientação Sexual:

Heterossexual ☐

Homossexual ☐

Idade _____

Habilitações Académicas:

6º ano ☐

9ºano ☐

12ºano ☐

Ensino Superior ☐

Situação Profissional:

Estudante ☐

Empregado ☐

Desempregado ☐

Nível Sócioeconómico:

Baixo ☐

Médio ☐

Elevado ☐

Tipo de Relação:

Amigos coloridos

☐

Namoro

☐

União de facto

☐

Casado/a

☐Neste momento estou solteiro/a mas já tive uma relação no
passado☐**Duração da Relação**

Inferior a 1 ano

☐

1 ano

☐

2 anos

☐

3 anos

☐

Superior a 3 anos

☐

ANEXO II

Revised Conflict Tactics Scales (CTS2), de Straus, Hamby, Boney-McCoy e Sugarman (1996), adaptado por Carla Paiva e Bárbara Figueiredo (2002).

Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)

Straus, Hamby, Boney-McCoy & Sugarman (1996)

Versão Portuguesa da autoria de Carla Paiva & Bárbara Figueiredo (2002)

Independentemente de duas pessoas se darem bem ou não, há alturas em que discutem, ficam aborrecidas uma com a outra, pretendem coisas diferentes uma da outra, ou têm quezílias ou brigas apenas porque estão de mau humor, cansadas ou por qualquer outra razão. As pessoas têm também formas diversas de tentarem resolver as suas diferenças. A seguir, encontrará uma lista de coisas que podem acontecer quando duas pessoas têm diferenças. Por favor, assinale quantas vezes aconteceu que, de há um ano para cá, você tenha feito cada uma dessas coisas e, também, quantas vezes aconteceu que, de há um ano para cá, o seu companheiro o fizesse. Se não aconteceu que você, ou o seu companheiro/a, tenha feito qualquer uma dessas coisas no último ano, mas isso já aconteceu antes, marque um “7” na folha de resposta para a questão correspondente. Se isso nunca aconteceu, marque um “8” na folha de resposta.

Quantas vezes isto aconteceu?

1 = Uma vez, de há um ano para cá

2 = 2 vezes, de há um ano para cá

3 = 3-5 vezes, de há um ano para cá

4 = 6-10 vezes, de há um ano para cá

5 = 11-20 vezes, de há um ano para cá

6 = Mais de 20 vezes, de há um ano para cá

7 = Não de há um ano para cá, mas isso já aconteceu antes

8 = Isso nunca aconteceu

1. Mostrei ao meu companheiro/a que me preocupava com ele/a, mesmo que discordássemos

2. O meu companheiro/a mostrou que se preocupava comigo, mesmo que discordássemos

3. Numa discussão, expliquei ao meu companheiro/a o meu ponto de vista

4. O meu companheiro/a explicou-me o seu ponto de vista numa discussão

5. Insultei ou roguei pragas ao meu companheiro/a

6. O meu companheiro/a fez isso comigo

7. Atirei ao meu companheiro/a alguma coisa que o/a poderia magoar

8. O meu companheiro/a fez isso comigo

Quantas vezes isto aconteceu?

1 = Uma vez, de há um ano para cá

2 = 2 vezes, de há um ano para cá

3 = 3-5 vezes, de há um ano para cá

4 = 6-10 vezes, de há um ano para cá

5 = 11-20 vezes, de há um ano para cá

6 = Mais de 20 vezes, de há um ano para cá

7 = Não de há um ano para cá, mas isso já aconteceu antes

8 = Isso nunca aconteceu

9. Torci o braço ou puxei o cabelo ao meu companheiro/a

10. O meu companheiro/a fez isso comigo

11. Tive um entorse, pisadura, ferida ou um pequeno corte por causa de uma luta com o meu companheiro/a

12. O meu companheiro/a teve um entorse, pisadura, ferida ou pequeno corte por causa de uma luta comigo

13. Mostrei respeito pelos sentimentos do meu companheiro/a acerca de um assunto

14. O meu companheiro/a mostrou respeito pelos meus sentimentos acerca de um assunto

15. Fiz o meu companheiro/a ter relações sexuais sem preservativo

16. O meu companheiro/a fez isso comigo

17. Empurrei ou apertei o meu companheiro/a

18. O meu companheiro/a fez isso comigo

19. Usei a força (e.g., batendo, detendo, ou usando uma arma) para fazer com que o meu companheiro/a tivesse sexo oral ou anal comigo

20. O meu companheiro/a fez isso comigo

21. Usei uma faca ou uma arma contra o meu companheiro/a

22. O meu companheiro/a fez isso comigo

23. Desmaiei porque o/a meu companheiro/a me atingiu na cabeça durante uma luta

24. O meu companheiro/a desmaiou porque eu o/a atingi na cabeça durante uma luta

25. Chamei de gordo/a ou feio/a ao meu companheiro/a

26. O meu companheiro/a chamou-me de gorda/o ou feia/o

Quantas vezes isto aconteceu?

1 =Uma vez, de há um ano para cá

2 = 2 vezes, de há um ano para cá

3 = 3-5 vezes, de há um ano para cá

4 = 6-10 vezes, de há um ano para cá

5 = 11-20 vezes, de há um ano para cá

6 = Mais de 20 vezes, de há um ano para cá

7= Não de há um ano para cá, mas isso já aconteceu antes

8 = Isso nunca aconteceu

27.Esmurrei ou bati no meu companheiro/a com algo que o poderia magoar

28.O meu companheiro/a fez isso comigo

29.Destruí algo que pertencia ao meu companheiro/a

30.O meu companheiro/a fez isso comigo

31.Fui ao médico por causa de uma luta com o meu companheiro/a

32.O meu companheiro/a foi ao médico por causa de uma luta comigo

33.Tentei estrangular o meu companheiro/a

34.O meu companheiro/a fez isso comigo

35.Gritei ou berrei ao meu companheiro/a

36.O meu companheiro/a fez isso comigo

37.Atirei o meu companheiro/a contra a parede

38.O meu companheiro/a fez isso comigo

39.Disse que tinha a certeza que poderíamos resolver um problema

40.O meu companheiro/a disse-me que tinha a certeza que poderíamos resolver um problema

41.Precisava de ter ido ao médico, por causa de uma luta com o meu companheiro/a, mas não o fiz

42.O meu companheiro/a precisava de ter ido ao médico, por causa de uma luta comigo, mas não o fez

43.Dei uma tarefa no meu companheiro/a

44.O meu companheiro/a fez isso comigo

Quantas vezes isto aconteceu?

1 = Uma vez, de há um ano para cá

2 = 2 vezes, de há um ano para cá

3 = 3-5 vezes, de há um ano para cá

4 = 6-10 vezes, de há um ano para cá

5 = 11-20 vezes, de há um ano para cá

6 = Mais de 20 vezes, de há um ano para cá

7 = Não de há um ano para cá, mas isso já aconteceu antes

8 = Isso nunca aconteceu

45. Agarrei à força o meu companheiro/a

46. O meu companheiro/a fez isso comigo

47. Usei a força (e.g. ferindo, detendo, ou usando uma arma) para fazer com que o meu companheiro/a tivesse relações sexuais comigo

48. O meu companheiro/a fez isso comigo

49. Saí abruptamente da sala, da casa ou de qualquer outro local durante um desentendimento

50. O meu companheiro/a fez isso comigo

51. Insisti em ter relações sexuais quando o meu companheiro/a não queria (mas não usei força física)

52. O meu companheiro/a fez isso comigo

53. Dei uma bofetada ao meu companheiro/a

54. O meu companheiro/a fez isso comigo

55. Tive uma fractura devido a uma luta com o meu companheiro/a

56. O meu companheiro/a teve uma fractura devido a uma luta comigo

57. Recorri a ameaças para fazer com que o meu companheiro/a tivesse sexo oral ou anal comigo

58. O meu companheiro/a fez isso comigo

59. Sugeri um acordo para resolver um desentendimento

60. O meu companheiro/a sugeriu um acordo

61. Queimei ou escalei o meu companheiro/a de propósito

62. O meu companheiro/a fez isso comigo

Quantas vezes isto aconteceu?

1 = Uma vez, de há um ano para cá

2 = 2 vezes, de há um ano para cá

3 = 3-5 vezes, de há um ano para cá

4 = 6-10 vezes, de há um ano para cá

5 = 11-20 vezes, de há um ano para cá

6 = Mais de 20 vezes, de há um ano para cá

7 = Não de há um ano para cá, mas isso já aconteceu antes

8 = Isso nunca aconteceu

63. Insisti com o meu companheiro/a para que tivéssemos sexo oral ou anal (mas não usei força física)

64. O meu companheiro/a fez isso comigo

65. Acusei o meu companheiro/a de ser um mau amante

66. O meu companheiro/a acusou-me disso

67. Fiz algo para enfurecer o meu companheiro/a

68. O meu companheiro/a fez isso comigo

69. Ameacei ferir ou atirar alguma coisa ao meu companheiro/a

70. O meu companheiro/a fez isso comigo

71. Senti uma dor física, que se manteve no dia seguinte, por causa de uma luta com o meu companheiro/a

72. O meu companheiro/a sentiu dor física, que se manteve no dia seguinte, por causa de uma luta que tivemos

73. Dei pontapés no meu companheiro/a

74. O meu companheiro/a deu-me pontapés

75. Recorri a ameaças para fazer com que o meu companheiro/a tivesse relações sexuais comigo

76. O meu companheiro/a fez isso comigo

77. Concordei em tentar uma solução sugerida pelo meu companheiro/a para um desentendimento

78. O meu companheiro/a concordou em tentar uma solução que eu sugeri

79. Se bateu no seu companheiro/a, ou se o seu companheiro/a lhe bateu, pense na última vez em que isso aconteceu. Quem foi o primeiro a bater?

1= eu bati primeiro

2= o meu companheiro/a bateu primeiro

3= isso nunca aconteceu

FOLHA DE RESPOSTA: CTS-2
ID:
Quantas vezes isto aconteceu?

1 = Uma vez, de há um ano para cá

2 = 2 vezes, de há um ano para cá

3 = 3-5 vezes, de há um ano para cá

4 = 6-10 vezes, de há um ano para cá

5 = 11-20 vezes, de há um ano para cá

6 = Mais de 20 vezes, de há um ano para cá

7 = Não de há um ano para cá, mas isso já aconteceu antes

8 = Isso nunca aconteceu

ITEM	1	2	3	4	5	6	7	8
1								
2								
3								
4								
5								
6								
7								
8								
9								
10								
11								
12								
13								
14								
15								
16								
17								
18								
19								
20								
21								
22								
23								
24								
25								
26								
27								
28								
29								
30								
31								
32								
33								
34								
35								
36								
37								
38								
39								
40								

ITEM	1	2	3	4	5	6	7	8
41								
42								
43								
44								
45								
46								
47								
48								
49								
50								
51								
52								
53								
54								
55								
56								
57								
58								
59								
60								
61								
62								
63								
64								
65								
66								
67								
68								
69								
70								
71								
72								
73								
74								
75								
76								
77								
78								
79								

Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)- Straus, Hamby, Boney-McCoy & Sugarman (1996). Versão Portuguesa da autoria de Carla Paiva & Bárbara Figueiredo (2002)